

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**HISTÓRIA DA GESTALT TERAPIA NO BRASIL CONTADA
POR SEUS “PRIMEIROS ATORES”:** UM ESTUDO
HISTORIOGRÁFICO NO EIXO SÃO PAULO-BRASÍLIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Mestrando: Danilo Suassuna Martins Costa
Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Co-orientadora: Prof. Dra. Denise T.F. Campos

GOIÂNIA-GO
2008

HISTÓRIA DA GESTALT TERAPIA NO BRASIL CONTADA POR SEUS
“PRIMEIROS ATORES”: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO NO EIXO
SÃO PAULO-BRASÍLIA

Dissertação apresentada a Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, Universidade Federal do Paraná – Presidente

Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos, UCG – Co-orientadora

Prof. Dr. William Gomes, UFRGS – Membro

Prof. Dr. – Rodolfo Petrelli, UCG – Membro

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda, UCG – Suplente.

Aos meus pais que, a partir de suas
histórias vividas, me ensinaram na
prática, a vivência do que é o
verdadeiro amor.

AGRADECIMENTOS

A Adriano Holanda, que, com todo respeito e amizade e companheirismo, pode me ensinar a ser uma “traça”, o que me fez descobrir o prazer nos livros. Espero poder contar sempre com suas “orientações” e “desorientações”.

A Denise Telles e Rodolfo Petrelli, por terem contribuído de forma ímpar, com suas observações por ocasião da qualificação, além dos constantes questionamentos, dos quais serei eternamente grato.

A Abel Guedes, Ari Hehfeld, Jean Clark Juliano, Jorge Ponciano Ribeiro, Lílian Meyer Frazão, Selma Ciornai, Tessy Hantzschel e Walter Ribeiro, que abriram as portas de suas memórias e me receberam de forma carinhosa e calorosa, e que sem os quais, o trabalho não poderia ser realizado.

A Eleonora Prestrelo, Enila Chagas, Luiz Lilienthal, Myrian Bove Fernandes, Terezinha Mello da Silveira, pela constante atenção e presteza.

A Celana Cardoso, Thais Ribari, e Cejana Baiocchi pelo companheirismo e colaboração constante. A Lara Jime, Rogério Gonçalves e Lorene Gomes Marçal pelo apoio a cada dia.

A Marisete Malaguth Mendonça minha primeira supervisora e pessoa que me acompanha desde meus primeiros passos, na formação enquanto Gestalt-terapeuta.

A Livia e Mateus, meus irmãos, que, cada um de sua forma, sempre me deram força para seguir em frente.

A minha mãe, que me acompanha como filho e psicólogo, com quem pude ter o prazer de dividir, durante esses dois anos, tardes longas de estudos, livros dos quais temos ciúme, angústias e, por vezes, lágrimas.

A meu pai, grande Chefe de cozinha e mestre dos alimentos, por estar sempre me alimentando não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

A Deus por me proporcionar estar ao lado de pessoas que tanto me fazem perceber sua presença.

RESUMO

Esse trabalho insere-se na perspectiva da história da psicologia, e tem como objetivo desvelar a história da Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica no Brasil. A pesquisa tem um caráter empírico, de cunho qualitativo, utilizando-se do método historiográfico. Parte-se de entrevistas semi-diretivas realizadas com alguns dos primeiros profissionais a trabalhar com esta abordagem no Brasil, aqui denominados “primeiros atores”, no eixo geográfico que compreende o estado de São Paulo e o Distrito Federal, mais especificamente Brasília. Essas entrevistas foram analisadas sob um olhar fenomenológico, e agrupadas em temas centrais, de modo a abordar a visão particular desses “primeiros atores” no sentido de compreender, a partir de suas percepções individuais, *como chega; com quem chega e como se desenvolve* a Gestalt-terapia no Brasil. Este trabalho contribui não apenas para elucidar o legado histórico da Gestalt-terapia, mas também para refletir sobre suas perspectivas sociais e políticas. Assim sendo e, a partir de um olhar crítico sobre as contribuições, possibilidades e perspectivas, o estudo corrobora com a solidificação dos estudos epistemológicos da abordagem gestáltica.

Palavras-chave: Abordagem Gestáltica, Gestalt-terapia, Fenomenologia, Historia da Psicologia no Brasil, Historiografia

ABSTRACT

This work is based on a history of psychology perspective, and aims to unveil the Gestalt-therapy and gestalt approach history in Brazil. This essay has an empirical and qualitative character, using the historiographic method. The interviews are semi-directives conducted with some of the first professionals to work with this approach in Brazil, here called "first actors" in the geographical axis that includes the state of São-Paulo and the Federal District, specifically Brasília. These interviews were analyzed under a phenomenological point of view, and grouped in main themes in order to understand the particular view of these "first actors" understanding, from their individual perceptions, *how this approach came to Brazil; with who arrives* and how comes development of the Gestalt-therapy, in Brazil. This work contributes not only to clarify the historical legacy of Gestalt-therapy, but also to reflect on their social and political perspectives. Thus, from a critical eye on contributions, possibilities and perspectives, the study corroborates with the solidification of the epistemological studies of gestalt approach.

Key words: Gestalt approach, Gestalt-therapy, Phenomenology, History of Psychology in Brazil, Historiography

SUMÁRIO

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
Introdução	1
Capítulo I - Historiografia: método e pesquisa	4
1.1 A Importância da História.....	4
1.2 O que é o método historiográfico	6
1.3 Historiografia e fenomenologia	8
Capítulo II - Contextualização histórica	10
2.1 Histórico da Gestalt-terapia	10
2.2 A Gestalt-terapia no Brasil: uma revisão da literatura.....	16
Capítulo III - A pesquisa	20
3.1 Momento empírico.....	20
3.1.1 Participantes	20
3.1.2 Instrumento: A entrevista	22
3.1.3 Sujeitos: Os Entrevistados.....	23
3.2 A Gestalt-terapia no Brasil: o olhar dos “primeiros atores”	26
3.2.1. Como chega.....	26
3.2.2. Com quem chega.....	28
3.2.2.1 Madre Cristina Sodré	29
3.2.2.2 Thérèse Emile Tellegen	30
3.2.2.3 Paulo Eliezer Ferri de Barros.....	31
3.2.2.4. As Primeiras Contribuições de Terapeutas Americanos.....	33
3.2.3. Como se desenvolve.....	35
Considerações finais	49
Referências bibliográficas.....	54

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar este trabalho surgiu em meio a uma série de debates acerca do processo de construção da Gestalt-terapia no Brasil. Neste sentido, enquadra-se na perspectiva da pesquisa qualitativa fenomenológica no sentido de acessar os processos de construção e de constituição das ciências, de modo a fundamentá-las em sua teoria e em sua prática.

No bojo dessas discussões, observou-se, nos últimos anos – e mais especificamente, nos últimos dois congressos nacionais (2005 e 2007) e em outros eventos regionais que envolvem gestalt-terapeutas – que houve um incremento na preocupação com a fundamentação dessa abordagem, além de uma aproximação cada vez maior do discurso filosófico e de suas bases teóricas, com a publicação de livros e artigos que redirecionam esse debate (Karwowski, 2005; Holanda & Faria, 2005; Ribeiro, 2006; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007), bem como de dissertações e teses de mestrado e doutorado (Gomes, 2001; Karwowski, 2002; Carvalho, 2005; Alvim, 2007a; Andrade, 2007). Além disso, cada vez mais vem sendo resgatada a história da Gestalt-terapia – de modo a contextualizar seus pressupostos – e as suas bases teóricas (Coimbra, 1992; Karwowski, 1992; Lima, 1997; Ciornai, 1998; Kiyani, 1998; Lilienthal, Fernandes & Ciornai, 2001; Gomes, 2001, Prestrelo, 2001).

Estes dados levam a uma reflexão acerca da consistência teórica e prática dessa abordagem, bem como a um olhar crítico em relação a suas contribuições, possibilidades e perspectivas. Este trabalho pretende ser uma contribuição nesse sentido, sugerindo direcionamentos para a solidificação da abordagem gestáltica e problematizando aspectos relevantes de suas propostas.

Esta preocupação com a consistência do trabalho gestáltico não é nova. Vem desde as contribuições de Paul Goodman – nos primórdios deste modelo, quando se alia a Fritz Perls para escrever *Ego, Fome e Agressão* (Perls, Hefferline & Goodman, 1997), mas ganhou forças com os questionamentos de Laura Perls acerca dos riscos de uma aplicação irrefletida da teoria e das técnicas da Gestalt-terapia, que ficou marcado pela metáfora *gestalt-and* (*Gestalt-e*), apontada por Laura Perls (Perls, 1994), e por diversos outros autores (Clarkson, 1993; Ciornai, 1996; Holanda, 2005; Holanda & Faria, 2005).

Fazer epistemologia de uma abordagem pressupõe uma análise de seus fundamentos filosóficos, de seus aspectos técnicos e teóricos, mas também de seu processo de construção histórica (Holanda, 2005).

Diante das imprecisões e da carência de uma organização de dados que relatasse o processo de construção e de edificação da Gestalt-terapia no Brasil, chegou-se à conclusão que seria de extrema importância verificar a história dessa abordagem de uma maneira um pouco diferente, qual seja, entrevistando os próprios atores que, de alguma maneira, vivenciaram e construíram essa história. Nesse sentido, o trabalho estabeleceu uma proposta diferente da encontrada até agora na literatura, que são relatos individuais (Ribeiro, 1993; Ciornai, 1991a, 1991b, 1995, 1996, 1998; Wulf, 1996; Prestrelo, 2001; Lilienthal, Fernandes & Ciornai, 2001; Pinto, 2006; Juliano, 2004), para um compartilhamento das histórias vivenciadas pelos pioneiros nessa abordagem, relatadas ao pesquisador.

Desse modo, decidiu-se por entrevistar aqueles que primeiro se depararam com a Gestalt-terapia e a sedimentaram no Brasil, ou seja, aqueles que são denominados de “primeiros atores” dessa abordagem.

Nesse sentido, o presente trabalho, com um olhar qualitativo e fenomenológico, propõe desvelar a questão histórica da Gestalt-terapia, por meio de entrevistas e estudos que abordam a visão particular desses atores, com objetivo de estabelecer parâmetros mais concretos que indiquem a *introdução da Gestalt-terapia no Brasil* (ou o *como chega*), identificar seus *pioneiros e promotores iniciais* (ou o *com quem chega*) e, finalmente, delimitar o campo do *desenvolvimento* da Gestalt-terapia que se consolida no Brasil.

O trabalho configura-se com uma dupla intenção, a de contribuir para a elucidação do legado histórico da Gestalt-terapia, esclarecendo e compilando informações e acontecimentos, pouco difundidos; e a de apreender a visão particular dos “primeiros atores” em relação ao desenvolvimento, manutenção e perspectivas dessa abordagem, mediante os depoimentos dos que participaram ativamente dessa história.

Inserido na proposta de uma pesquisa qualitativa, o trabalho foi desenvolvido com o uso do modelo historiográfico que objetiva a coleta, a catalogação e a descrição de acontecimentos históricos relevantes para a construção das ciências (Campos, 2000; Brozek & Massimi, 1998; Scarparo, 2000a; Holanda, 2006).

A historiografia da psicologia é uma disciplina necessária que vem se desenvolvendo nos últimos anos, e que permite – com base no resgate da constituição histórica dos saberes *psi* – redimensionar as leituras de realidade, contextualizando-as. Nos dizeres de Mancebo (2004, p. 23-24), historiar a psicologia significa ousar um afastamento dos *protocolos formais*, transitando por novos paradigmas na produção do conhecimento.

Mesmo sendo uma perspectiva nova no quadro dos modelos de pesquisa qualitativa, trata-se de uma abordagem que demanda grande investimento e empenho para que a memória de uma ciência seja preservada, e ainda, para que sejam elucidadas as relações e os contextos nos quais essa ciência se apresenta.

No caso específico da Gestalt-terapia brasileira, observa-se uma carência de informações relativas à sua construção, de modo que este trabalho identifica com as demais tentativas de sistematizar a sua história (Ciornai, 1998; Prestrelo, 2001; Massimi, 2004; Gomes, Holanda & Gauer, 2004a, 2004b), na expectativa de contribuir com uma leitura mais aprofundada dessa construção, de modo que se possam compreender as especificidades e características dessa abordagem.

HISTORIOGRAFIA: MÉTODO E PESQUISA

Faremos nesse primeiro momento, uma apresentação sobre a relevância do estudo da história, bem como do método historiográfico. Em seguida, faremos um paralelo entre historiografia e a fenomenologia, naquilo que esta nos fornece o substrato teórico-filosófico para nossa proposta de pesquisa.

1.1 A importância da história

A história é o estudo das ações humanas no decorrer do tempo. Desde muito, o homem registra sua vivência para, de alguma maneira, repassar às gerações futuras informações que possam ser úteis para uma possível articulação entre o que fora registrado e o contexto em que se encontrava; aquele que teve acesso a esse registro.

Brožek e Massimi (2001) afirmam que “os acontecimentos que representam o passado estudado pelos historiadores representam, na maior parte, ações, coisas realizadas por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos num tempo específico” (p. 76).

Conforme Castelar (2005), o estudo da história “pode oferecer perspectiva e humildade. Saber que há pontos de vista diversos daqueles que estou preso e que outros, no passado, nutriram noções semelhantes às minhas” (p. 9). Ressalta ainda o autor que “a qualquer momento o estudo da história pode ser esclarecedor a respeito de certos erros do passado [...], razão bastante forte para o estudo da história da psicologia relacionar-se com a vastidão e a complexidade do campo da psicologia nos dias de hoje” (pp. 9-10).

Estudar os acontecimentos passados remete, como afirma Antunes (1999), a uma compreensão de elementos ou de dimensões da realidade em dado momento histórico, levando à compreensão do próprio movimento da história. Desse modo, estudar história significa compreender fatos e experiências inseridos em um fluxo temporal, no qual passado, presente e futuro estão interconectados.

A história “tem como condição fundamental a transformação dos homens e da natureza. É através dessa história que o homem desenvolve o pensamento, as idéias e dentre elas aquelas referentes ao conhecimento do mundo” (Cambaúva, Silva & Ferreira 1998, p. 217).

Diehl (2006), ao referir-se à história, assinala que, “além de ser um bem cultural inestimável, com valores implícitos e explícitos, é uma forma de comunicação entre o passado e o presente, entre as idéias de futuro que se tinha no passado e a possibilidade de cultura da mudança do tempo presente, tendo como fio condutor os sentidos” (p. 379).

Correlacionar eventos históricos é de fundamental importância para a construção do conhecimento, bem como para a elaboração de um senso crítico que, segundo Cambaúva, Silva e Ferreira (1998) pode levar a uma politização e a um compromisso social do profissional.

Pode-se perceber, nesse momento, que o estudo da história visa contribuir, não apenas com dados factuais, lineares, da história, para a obtenção de uma compreensão cronológica dos fatos em seu tempo, mas também, de modo peculiar, apontar elementos que possam corroborar para que o homem encontre elementos de sua existência atual, nas realizações daqueles que o antecederam.

Ao proporcionar um reconhecimento individual do homem em seu meio, o estudo da história aponta a compreensão de “nossa história enquanto homens, produtores de conhecimento, e dessa forma, através desse estudo, nos situarmos frente ao mundo em que vivemos e no qual atuamos profissionalmente” (Cambaúva, Silva & Ferreira, 1998, p. 213).

De maneira ímpar, o estudo da história possibilita o reconhecimento do homem como produto e produtor de si mesmo, convocando o homem a expressar sua atitude diante de sua história. Bock e Jacó-Vilela, (2001) afirmam que “o resgate e a socialização de informações sobre nossa história facilitam a atuação coletiva dos psicólogos como pessoas que sofrem as conseqüências e são agentes das transformações que vão ocorrendo na profissão” (p. 10).

Este trabalho foca-se não apenas na compilação de fatos explicativos da realidade atual e presente, mas indica para uma preocupação com os fatos sociais, filosóficos, econômicos e políticos que serviram de solo constituinte dessa abordagem, como reflexo da própria constituição da psicologia brasileira.

Diehl (2006) afirma que o “historiador precisaria desenvolver outros instrumentos metodológicos para poder dar sentido aos fragmentos e buscar um novo horizonte de expectativas à sua representação do passado” (p. 370). Seguindo nessa direção, aproxima-se de forma mais fidedigna possível às análises das evidências, lança-se mão, nesse trabalho, de uma perspectiva qualitativa do método historiográfico.

Faz-se uso da narrativa dos denominados de “primeiros atores”, visto que, como afirmam Brožek e Massimi (2002b), “o vocabulário é testemunha seguro de uma época” (p. 126).

A decisão por focar as narrativas individuais tem seu cerne na proposta de que “as diferentes percepções de fatos históricos explicitam acontecimentos, mas também, e principalmente, valores e intencionalidades” (Scarparo, 2000b, pp. 107-108).

A memória, como afirma Penna (1991), consiste na conservação das informações recolhidas pelos sentidos. Desse modo, o trabalho tenta no contato com relatos do passado, construir um quadro compreensivo da atualidade. O relato colhido é a memória da vivência individual, ou a concretização, pela fala, de uma experiência outrora vivida.

Esta pesquisa prioriza, pois, a memória como fonte primeira, conferindo, ao relato de experiência, valor primordial, de modo que seja um elemento fundamental para a compreensão e a construção de uma versão escrita da história.

Desse modo, este trabalho segue com a intenção de dar forma à trama histórica dessa abordagem – desde seu surgimento no Brasil –, tendo como certo que nenhum fato pode ser estudado de forma isolada, mas como parte de um conjunto dinâmico de elementos. Dessa forma, a história apresenta-se como “a possibilidade de construirmos uma espécie de arquitetura das idéias de futuro que se tinha no passado através de intromissões no passado” (Diehl, 2006 p. 377).

1.2 O que é o método historiográfico

A etimologia da palavra *historiografia* remete tanto aos registros históricos, quanto à própria ciência da história (Houaiss, 2001). Fazer historiografia é mais do que simplesmente compilar dados históricos mas se trata de um processo de reconstrução e reconstituição – portanto, releitura – dessa história. Dessa forma, faz-se necessária a presença, ativa e concreta, do pesquisador. Afirma-se o reconhecimento do sujeito como produtor de conhecimento, pois o pesquisador não apenas descreve o fato histórico, mas possibilita o acesso de seus significados.

Este trabalho insere-se, pois, na proposta de uma historiografia da psicologia, que tem como um de seus principais representantes o professor doutor Josef Brožek (1913-2004). Nascido na cidade de Melnik, na atual República Checa, atuou como psicólogo desde 1937, quando se tornou *Philosopher Doctor* (PhD) pela *Charles University*, em Praga, com uma tese intitulada *Memória: suas medidas e sua estrutura*, mas foi a partir de 1963 que se dedicou de forma mais direta à pesquisa em história da psicologia.

Após sua aposentadoria formal, ocorrida em 1979, continuou a tratar dessas questões históricas, não apenas como estudioso, mas como grande disseminador dessa nova especialidade. Como afirma Brožek (2002, p. 114), “além das responsabilidades no campo da pesquisa e do ensino, assumi várias responsabilidades sociais. Uma dessas foi o estabelecimento da história da psicologia como especialidade no quadro da *Associação Psicológica Norte-Americana*”, ocorrida no ano de 1965.

Com a publicação de estudos monográficos, bem como em alguns periódicos científicos, construiu-se o processo de consolidação da história da psicologia como área de pesquisa. No texto de Massimi e Campos (2004), pode-se encontrar, de forma mais detalhada, a história desse estudioso. A publicação *Historiography of modern psychology*, por Brožek e Pongratz, em 1980, foi um marco para a historiografia, sendo considerada por muitos como o mais importante texto da historiografia contemporânea (Brožek & Massimi, 1998, 2001a, 2002b).

A pesquisa historiográfica, segundo Brožek e Massimi (2002a), “começa com o relato de algum fato, contextualizado em seu contexto temporal e espacial. Trata-se, porém de um relato que não apenas narra o fato, mas também busca explicá-lo” (p. 103). Com essa perspectiva, este trabalho segue a proposta de Brožek e Massimi (2001), que “requer a coordenação dos dados evidentes, tendo o objetivo de produzir um relato coerente de uma faceta do passado” (p. 76).

Este modelo faz-se presente nesse trabalho, na tentativa de sistematizar a história da abordagem gestáltica no Brasil, mantendo a fidelidade dos depoimentos daqueles que participaram, desde o início, da construção e sedimentação dessa abordagem, de modo a verificar a relação entre fatos e eventos.

Como assinalam Cambaúva, Silva e Ferreira (1998), a construção da psicologia deu-se paralelamente à construção do homem e de seu mundo. Com o intuito de não perder de vista o homem que constrói essa história, e por ela é construído, apropriando-se de um olhar fenomenológico para nortear este trabalho, com objetivo de resgatar o papel do observador na interação com o objeto pesquisado, e na forma crítica de apropriação da realidade dessa construção, para compreender a *introdução* da Gestalt-terapia no Brasil, identificar seus *pioneiros e promotores iniciais* e, finalmente, delimitar o campo do *desenvolvimento* dessa abordagem que se consolida no Brasil.

Como afirma Castelar (2005), deve-se estar atento à fala, visto que, “o que se fala está implicitamente relacionado à análise de quem fala, para quem fala, e por que fala” (p. 40). Desse modo, é importante lembrar que estudar a história com base nos depoimentos

colhidos nas entrevistas possibilita a revelação do contexto vivido, bem como a descrição das experiências individuais, o que proporciona um acesso às relações estabelecidas entre o indivíduo e seu meio.

1.3 Historiografia e fenomenologia

Brožek e Massimi (2002b) afirmam que “um método bom de pesquisa é um método que sirva, e sirva não de modo genérico, mas que auxilie um determinado historiador no enfrentamento de um problema específico a ser investigado, em harmonia com seus conhecimentos, interesses, opções e peculiaridades” (p. 119).

Assim, nesse trabalho, inserido em uma proposta qualitativa, o método fenomenológico pode proporcionar um substrato teórico-filosófico que favorecerá uma apreensão rigorosa da vivência – no tempo e no espaço – daquele que relata sua história.

O projeto apóia-se em outros trabalhos que têm, em seu fundamento, a proposta fenomenológica como método de pesquisa (Gomes, 1997; Andrade, 2007; Nunes, 2007; Carvalho, 2005), além da experiência do autor no que se refere ao método escolhido.

Além disso, Diehl (2006) propõe que “os caminhos mais promissores sejam aqueles que envolvem não apenas a descrição dos fatos em si, mas aqueles que objetivem a compreensão, especialmente através da hermenêutica e da fenomenologia” (p. 379).

A hermenêutica é a ciência que se ocupa da interpretação dos signos e valores simbólicos de um determinado texto; e a fenomenologia, uma ciência que se caracteriza como uma “tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer”, como propõe Merleau-Ponty (1994, p. 1-2). Desse modo, pode-se afirmar que a fenomenologia é uma hermenêutica da experiência vivida.

Nessa perspectiva, uma vez que a significação dos fenômenos é central para os pesquisadores *qualitativistas* (Turato, 2003), o método fenomenológico – além de uma base filosófica – proporciona a possibilidade de um olhar atento à realidade de modo a apreendê-la de forma única, pois a fenomenologia é,

uma ciência descritiva da realidade, de seus objetos e fatos, como significativos de algo que abstrai e transcende a pura materialidade significante. E, sendo uma ciência dos objetos e dos fatos da realidade, de como estes se apresenta à consciência de quem os experienciam, é, então, a ciência de uma realidade significante ‘para mim’, ‘para nós’ ou ‘para eles’ (Petrelli, 2001, p. 17).

Ressaltando os aspectos subjetivos da esfera da pesquisa, Turato (2003) enfatiza que “para a pesquisa científica, o campo da experiência não pode ser identificado como o da realidade, mas o campo da experiência é, sim, o dos fenômenos, enquanto nos aparece e como nos aparece” (p. 209).

Não se pode perder de vista que, ao pesquisar a história, se investiga também a história vivida por esse ou aquele indivíduo, ativo e criador de sua história Cambaúva, Silva e Ferreira (1998) afirmam que

se o passado pode nos explicar o presente, necessitamos conhecer esse passado não meramente factual, mas inserindo nele o homem que não só cria a história, como vive na história. Necessitamos entender, antes de tudo, esse homem como criador, produtor de idéias, produtor de ciência, produtor de história (p. 216).

Portanto, entende-se que a proposta historiográfica vem acompanhada de uma perspectiva fenomenológica.

Pode-se assim discutir o processo de construção e de constituição da abordagem gestáltica como ciência, de modo a fundamentá-la em sua teoria e em sua prática. Para tanto, em um primeiro momento, contextualiza-se a história dessa abordagem bem como a de seu fundador, para que, posteriormente possa-se passar à revisão da literatura e, em seguida, à pesquisa propriamente dita.

Capítulo II

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Apresentaremos a seguir um retrospecto histórico da construção da Gestalt-terapia, destacando a figura de seus “fundadores”, em especial Fritz Perls. Embora muito já tenha sido escrito sobre sua vida e obra, faremos uma exposição de fatos e contextos que consideramos relevantes para a compreensão da construção dessa abordagem e de sua inserção no Brasil, a partir da análise da literatura disponível.

2.1 Histórico da Gestalt-terapia

Realiza-se um breve histórico da Gestalt-terapia, com o intuito de contextualizar o trabalho, bem como tentar esclarecer algumas lacunas encontradas na literatura. Para tanto, é necessário outra compilação e releitura de datas, fatos e eventos relevantes da Gestalt-terapia, bem como da vida de Fritz Perls.

Não se pretende fazer outra história, mas reconsiderar a história da Gestalt-terapia, antes de sua introdução no Brasil, com o objetivo de melhor precisar alguns aspectos e fatores de relevância, bem como algumas datas, que não puderam ser encontradas em um único texto anteriormente publicado.

Para iniciar esse processo, ressalta-se a história daquele que é considerado o principal nome e fundador da Gestalt-terapia, Fritz Perls. Para tal, lança-se mão de alguns textos importantes, com ênfase à sua própria autobiografia, intitulada *In and out of the garbage pail*, publicada em 1969 nos Estados Unidos da América (EUA), e traduzida para a língua portuguesa em 1979¹, com o título *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo*. São utilizados ainda outros textos de apoio, com destaque para uma compilação de Laura Perls (1994) e algumas entrevistas realizadas com personagens importantes da Gestalt, como Isadore From, Erving e Miriam Polster e Elliot Shapiro, e a própria Laura Perls, e publicadas sob o título *An oral history of Gestalt therapy* (Wysong e Rosenfeld, 1988).

¹ Tradução de George Schlesinger e revisão técnica de Paulo Barros.

Friedrich Salomon Perls, nasceu em 8 de julho de 1893, em Berlim, Alemanha. Filho de pais judeus, Fritz Perls, chegou a lutar na Primeira Guerra Mundial, como voluntário. Após o terror passado durante esses anos, terminou sua formação pouco depois, em 1921, na Universidade Friedrich Wilhelm de Berlim, como neuropsiquiatra. Suas experiências na Alemanha proporcionaram-lhe um posterior contato com a psicanálise, não só como objeto de estudo, mas também, durante anos, como analisando dos mais renomados psicanalistas da época, dentre eles, Karen Horney, Wilhelm Reich.

Em meados de 1926, mudou-se para Frankfurt, onde conheceu Kurt Goldstein (1878-1965), neurofisiologista, que, nessa ocasião, desenvolvia um trabalho de vanguarda, na assistência a soldados que apresentavam lesões cerebrais advindas da guerra. Fritz Perls identificou-se com o trabalho desenvolvido por Goldstein, a ponto de tornar-se seu assistente.

O contato com Goldstein foi de importância singular para o futuro de Fritz Perls. Neste momento, o referencial de organismo proposto por Goldstein – que posteriormente teve a denominação de *teoria organísmica* – fora adotado como uma das bases teóricas dessa abordagem (Perls 1997, 2002; Lima, 2005). Outro fator importante do contato entre esses dois pensadores é que Fritz Perls, ao estudar profundamente os pressupostos de Goldstein, percebeu que seus trabalhos estavam pautados na lei da *figura-fundo*, questão proposta pela psicologia da Gestalt, escola que estudava a percepção, e cujos expoentes – Köhler, Koffka e Wertheimer, aplicavam a Fenomenologia de modo sistemático em suas pesquisas, desenvolvendo a idéia que a percepção é perpassada pela subjetividade, envolvendo um processo complexo de organização dos estímulos visuais, em configurações de *figura-fundo* (Lilienthal, Fernandes e Ciornai, 2001).

Em Frankfurt, no outono de 1926, Fritz Perls conheceu Lore Posner que seria conhecida posteriormente como Laura Perls, após sua ida para Nova York. Nascida em 1905, em Pforzheim, Alemanha, Laura Perls envolveu-se com artes desde a infância, e, aos cinco anos, já tocava piano com sua mãe, interessando-se mais tarde pela psicologia. Assinala Laura Perls (1994): “cheguei relativamente tarde à Psicologia. Primeiro fui estudante de Direito e Economia [...] fui uma das primeiras mulheres a ingressar na Escola de Direito. Até então eu estava engajada e realmente interessada nos aspectos psicológicos de meus estudos. Foi assim que mudei” (p. 20).

Laura conheceu Fritz Perls no momento em que era estudante de psicologia. Referindo-se ao seu primeiro encontro, afirma, em entrevista a Jack Gaines (1989)

(...) no outono de 1926, eu era estudante na Universidade de Frankfurt. Meus professores Adhémar Gelb e Kurt Goldstein estavam dando um seminário sobre investigações na psicologia gestáltica, que nesse momento era um campo novo. Eu estava entediada. Ao desviar minha atenção dos oradores, vi este homem ali sentado; nunca o havia visto antes. Não sabia quem era. Tive a sensação: é ele (p. 23).

Eles se casaram em 1930, e Laura veio a se tornar parceira na vida intelectual de Fritz Perls como afirmam Lilienthal, Fernandes e Ciornai (2001).

Com a perseguição nazista aos judeus, Fritz Perls viu-se obrigado a fugir de seu país. No início de 1933, procurou abrigo em Amsterdam, na Holanda, onde morou com outros refugiados, em uma casa de uma comunidade judia local. Laura e sua primeira filha, Renate, então com dois anos, vieram a juntar-se a ele em setembro desse mesmo ano. Ainda em Amsterdam, estando em situação bastante difícil, Laura ficou novamente grávida, mas procurou um médico para fazer um aborto.

Nessa época, Fritz Perls procurava permissão de trabalho, para tentar escapar da perseguição. Foi a Londres e, ao encontrar-se com Ernest Jones, biógrafo de Freud, foi surpreendido com a proposta de Jones que “sabia que alguém que havia trabalhado com Theodor Reik e que era terapeuta na África do Sul, necessitava de um analista didata e um co-terapeuta para um trabalho neste país” (Gaines, 1989, p. 31). Fritz Perls conseguiu a vaga pois outros terapeutas, mais renomados, não tinham interesse em deslocar-se para a África do Sul, visto que o país que mais se desenvolvia nessa época eram os EUA. Assim, em dezembro de 1934, a família Fritz Perls seguiu para seu novo destino.

Perls (1979) afirma que a fuga e posterior mudança tinham interrompido seu treinamento como psicanalista: “Na época, o meu analista era Wilhelm Reich e meus supervisores Otto Fenichel e Karen Horney. De Fenichel, recebi confusão; de Reich, ousadia; de Horney, envolvimento humano sem terminologia” (p. 55).

Após a família estabelecer-se em seu novo destino, Fritz Perls teve que ultrapassar a barreira do idioma, já que, apesar de ter estudado latim, grego e francês, nunca fora muito bom no inglês. Apesar disso, o casal fora bem recebido na África do Sul, e nesse país os Perls tiveram contato com Jan Smuts, filósofo e general do exército sul africano, e criador do holismo – teoria de grande importância para a Gestalt. Em 1935, Fritz e Laura Perls fundaram o *Instituto Sul-Africano de Psicanálise*. Nesse momento promissor nasceu o segundo filho do casal, Steven, mesmo a contragosto do pai.

No ano seguinte, em 1936, Fritz Perls viajou a Praga na Checoslováquia, para apresentar uma palestra no Congresso Nacional de Psicanálise. Esse momento marcou o

que Fritz Perls assinalou como o *primeiro rompimento* com a Psicanálise. Escreve em sua autobiografia:

Fui designado para dar uma palestra na Checoslováquia, no Congresso Internacional de Psicanálise. Eu queria impressionar com o meu vôo² e com uma palestra que transcendesse Freud (...). A palestra que apresentei tratava das ‘resistências orais’, e ainda era escrita em termos freudianos. A palestra encontrou profunda desaprovação. O veredito ‘todas as resistências são anais’ me deixou bestificado. Eu quis contribuir com a teoria psicanalítica, mas não percebi, na época, quão revolucionária era a palestra, e quanto ela balançaria e até mesmo invalidaria alguns fundamentos básicos da teoria do Mestre (Perls, 1979, p. 49-51).

Embora tenha sofrido grande decepção com a receptividade negativa ao seu trabalho, o próprio Fritz Perls reafirma sua admiração por Freud, o que marcou posteriormente todo o seu trabalho:

Freud, suas teorias, sua influência, são importantes demais para mim. A minha admiração, perplexidade e vingatividade são muito fortes. Fico profundamente comovido pelo sofrimento e pela coragem dele. Respeito profundamente o quanto ele, praticamente sozinho, conseguiu dispor das ferramentas inadequadas da psicologia-de-associação e da filosofia mecanicista. Sou profundamente grato pelo tanto que evolui levantando-me contra ele (Perls, 1979, p. 51).

Outros fatores também contribuíram para o seu afastamento da teoria psicanalítica, dentre eles, a sua conversa pessoal com Freud. Após ser por ele recebido, em um momento em que Freud, em razão de seu câncer bucal, já não mais aparecia tanto em público, declara:

‘Vim da África do Sul para dar uma palestra e para vê-lo’. ‘Bem, e quando você volta?’ disse ele. Não me recordo do resto da conversa (talvez de quarenta e cinco minutos de duração). Fiquei chocado e desapontado (Perls, 1979, p. 74).

Como assinala o próprio Fritz Perls, suas decepções com a psicanálise foram múltiplas. Quando se refere a Reich, ainda em 1936, Perls (1979) enfatiza: “Ele foi a terceira decepção³. Sentava-se separado de nós, e me reconheceu com dificuldade” (p. 66).

Apesar desses fatos marcantes em sua vida, Fritz Perls, instalado na África do Sul, mostrou-se disposto a “transformar suas discordâncias em contribuições para a psicanálise

² Nesta ocasião, Fritz Perls pretendia pilotar pessoalmente o avião para percorrer os seis mil quilômetros que separavam a África do Sul da Checoslováquia e ser, como afirma “o primeiro analista voador. Encontrei um Gypsy Moth de segunda mão, que fazia 100 milhas por hora. O preço era 200 libras, mas alguém chegou primeiro. Então a idéia caiu por terra e tive que ir de navio” (Perls, 1979, p.50).

³ Perls refere-se à receptividade negativa de seu trabalho, ao encontro com Freud e, finalmente, ao contato com Reich.

da época” (Perls, 2002, p. 9). Todo esse esforço, que outrora fora recusado em seu meio psicanalítico, se transformou, no ano de 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial, na cidade de Durban, na África do Sul, no livro *Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method*. No ano de 1947, após a guerra, o livro foi reeditado em Londres. Em 1969, publicou-se a edição americana do mesmo livro, porém, com um novo subtítulo: *The beginning of Gestalt-therapy*. Cabe destacar que este livro só tem sua tradução para o português em 2002.

Em 1946, Fritz Perls, no período pós-guerra, foi para os EUA país que o acolheu e deu sustentação à sua nova teoria. Neste contexto, surgiu um novo livro, em 1951, com o título, *Gestalt therapy*⁴, em co-autoria com Ralph Hefferline e Paul Goodman. O livro havia sido concebido em duas partes, uma prática – originalmente escrita com base em experiências clínicas do próprio Fritz Perls – e uma teórica, que ficou a cargo de Paul Goodman. Restou a Ralph Hefferline um papel mais *figurativo* – afirma Laura Perls (1994) – pois, à época, pretendia-se que a Gestalt tivesse alguma penetração no meio acadêmico, daí a necessidade de vinculá-la a uma figura do porte de Hefferline.

Ralph Franklin Hefferline (1910-1974) nasceu em Muncie, Indiana, EUA, e foi professor de psicologia na Universidade de Columbia. Fora paciente de Fritz Perls no ano de 1946 e participou de seus grupos de estudo no ano de 1948, em New York.

A constituição *formal* da nova abordagem deu-se em New York, com a criação do *Grupo dos Sete*, formado por Fritz Perls e Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, com a criação do *Gestalt Institute of New York*, em 1952. Dois anos depois, em 1954, já foi criado o *Gestalt Institute of Cleveland*.

A figura de Paul Goodman é de capital importância para a construção da Gestalt-terapia. Paul Goodman (1911-1972) além de sociólogo, era escritor, doutor e professor pela Universidade de Chicago. Conceituado intelectual, coube-lhe trazer a filosofia pragmatista – representada por William James e John Dewey – para a Gestalt-terapia (Alvim, 2007b).

Paul Goodman tinha uma atitude política muito independente, voltada para o anarquismo. Preocupado com o aqui e agora (Stoehr, 1999), seu foco era a experiência cotidiana (Alvim, 2007b). Quando travou contato com Fritz Perls, nos anos 1950, Goodman já era um artista e um literato de renome.

⁴ Este livro foi reeditado em 1969, da mesma forma *Ego, fome e agressão*, e teve sua tradução para o português em 1997, pela editora Summus.

Os amplos conhecimentos e vivências de Goodman em vários campos como política, arte, sociologia, economia, aliados à sua participação intensa nos grupos de vanguarda, também contribuem para a constituição desse fundo que sustenta a Gestalt-terapia e que reflete, em sua forma, um espírito moderno, identificado com a ação de vanguarda, quando enfatiza a experiência no mundo, a contingência, a diferença e o improviso criativo na criação de novos significados para existência (Alvim, 2007b, p. 21).

Lilienthal (1998) ressalta que, dentre as lições deixadas por Goodman, destacam-se o inconformismo diante das dificuldades, bem como sua dedicação às lutas nas quais se empenhava.

Fritz Perls, em 1956, mudou-se para Miami, onde viveu por um longo tempo. No ano de 1958, foi convidado por Wilson Van Dusen, um fenomenólogo, para uma reunião de psicólogos em São Francisco. No fim dos anos 1960 fixou residência em Los Angeles a convite de Jim Simkin, que o acolheu em sua casa, onde permaneceu até 1962.

Desde muito, é evidente na vida de Fritz Perls a inconstância, a inquietação e a vontade de ter seu trabalho reconhecido. Desse modo, uma série de tentativas, por meio de viagens, cursos, palestras e *workshops*, tomaram a atenção do autor que ansiosamente buscava a propagação de suas idéias.

Indo a Israel, aos seus 67 anos, Fritz Perls deu início a uma série de viagens, que incluía a Califórnia, Nova York, Japão, e outros países, inclusive da Europa – Áustria, França, Inglaterra, Alemanha – nos quais proferiu cursos de formação, trabalhando e divulgou a Gestalt-terapia. Retornou aos Estados Unidos da América, por volta de seus 71 anos para, viver em Esalen, onde promoveu seminários de demonstração e formação. Aos 76 anos, em 1969, comprou um velho hotel à beira do lago Cowichan, na ilha de Vancouver, e fundou o Instituto de Gestalt do Canadá. Ele e alguns discípulos organizaram em um modo de vida comunitário denominado de *Gestalt-kibutz*.

Como de praxe, permaneceu ali por um curto período (seis meses), e realizou novas viagens pela Europa. Posteriormente retornou aos EUA. Em Chicago, iria proferir uma palestra na Universidade de Illinois – no dia 6 de março de 1970. Ao ser recebido por Bob Shapiro e Jane Levenberg, pediu para ver um médico. Oito dias depois foi diagnosticado com câncer no pâncreas e pedras na vesícula, e, aos 14 dias de março, vem a óbito.

O trabalho de Fritz Perls foi muito difundido por ele mesmo, em diversos países. Embora pudessem parecer exageradas, graças as suas viagens – em especial ao seu legado deixado na Inglaterra – de algum modo a Gestalt-terapia pôde chegar ao Brasil.

Os brasileiros tiveram acesso à Gestalt-terapia com influências americanas e européias por intermédio, primeiramente, de Thérèse Telegen e puderam vivenciar e conhecer os pressupostos dessa “nova abordagem”.

2.2 A Gestalt-terapia no Brasil: uma revisão da literatura

Na tentativa de contextualizar a temática, faz-se referência aos trabalhos encontrados até o momento. Há muito existe uma preocupação quanto à questão histórica da Gestalt-terapia. Walter Ribeiro, um dos iniciadores dessa abordagem e fundador do Centro de Gestalt-terapia de Brasília (Cegest), desde muito se mostra engajado nesse trabalho, visto que, já no IV Encontro Nacional de Gestalt-terapia, ocorrido em Recife (PE), apresentou o texto *Recontando a nossa história* (Ribeiro, 1993), no qual relata os primeiros passos dessa abordagem, desde os anos 1960.

Em seu texto Ribeiro (1993) afirma ter sido Jean Clark Juliano, no ano de 1991, em meio à realização do Congresso em Brasília, a primeira a referir-se à história da Gestalt-terapia. Afirma o autor: “Jean Clark Juliano, de São Paulo, contou-nos com a seriedade e espírito de pesquisa que a caracterizam, a História da Gestalt-terapia, segundo seus achados e opiniões” (Ribeiro, 1993, p. 1).

Outra importante autora, Selma Ciornai, em seu trabalho apresentado em 1995, no V Encontro Nacional de Gestalt-terapia – e posteriormente publicado, em forma de artigo (Ciornai, 1996) – retrata, no início de sua apresentação, como vivencia a *gestalt de agora* em comparação ao que a autora denomina de *gestalt de antes*. Já nesse texto, apresenta importantes dados históricos referentes a essa abordagem.

Anos mais tarde, ainda nessa perspectiva, outra publicação da mesma autora (Ciornai, 1998), em uma apresentação no II Congresso da *Association for the Advancement of Gestalt Therapy* (AAGT), realizado em São Francisco, EUA, no ano de 1997, relata a introdução da Gestalt-terapia no Brasil. Aponta alguns nomes importantes para a abordagem naquela época, como Thérèse Tellegen, terapeuta de origem holandesa que se radicou no Brasil, bem como Maureen Miller O'Hara e Robert Martin (do Instituto de Gestalt-terapia de Los Angeles, que contribuíram na qualidade de primeiros treinadores de grupos). A autora apresenta também um relato importante de sua percepção acerca do movimento gestáltico, assinalando que, já naquela época, “chamou minha atenção a importância dada ao estudo dos fundamentos filosóficos e epistemológicos de nossa abordagem” (p. 4).

A preocupação com a história da Gestalt-terapia e de sua construção epistemológica podem ser ainda exemplificadas por algumas produções brasileiras, advindas de dissertações de mestrado em psicologia. Kiyari (1998) expõe, em sua dissertação de mestrado, uma articulação entre a obra de Fritz Perls e sua vida, perpassando os pressupostos, teóricos e filosóficos, da *nova* abordagem. O trabalho, de grande importância para a comunidade gestáltica, três anos depois, transformou-se em livro (Kiyari, 2001).

Gomes (2001) delinea – em sua dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), denominada *Gestalt-terapia – herança em re-vista* – uma investigação que resgata a sua herança teórica, abrangendo o cenário sócio-cultural da época. O trabalho faz um percurso histórico da Gestalt-terapia, referente à vida e à obra de Fritz e Laura Perls, além de algumas entrevistas, que outrora, nortearam e nutriram, em um primeiro momento, a investigação proposta neste trabalho.

Ainda em 2001, surgiram duas outras publicações de grande interesse para essa abordagem. Baseada em trabalhos apresentados no *II Encontro Clio-Psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*, realizado dois anos antes, temos a publicação – organizada por Jacó-Vilela, Cerezo e Rodrigues (2001) – cujo nome é o mesmo do evento, conta com o texto *A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”?*, escrito por Prestrelo (2001). Neste texto, verifica-se, pelo olhar da narradora, descortina-se uma breve história da Gestalt-terapia.

A segunda publicação no mesmo ano, de 2001, porém não menos importante, é o texto *Os 50 anos de Gestalt-terapia*, escrito por Lilienthal, Fernandes e Ciornai (2001) que trata, de forma objetiva, a história de vida de Fritz Perls. Remete ainda às influências sofridas pelos teóricos no decorrer de sua trajetória, destacando nomes como os de Goldstein, Smuts, Goodman e Hefferline. Expõe a questão relativa ao movimento de contracultura, do qual Fritz Perls fazia parte e, nos últimos parágrafos, destaca a chegada e permanência dessa abordagem no Brasil.

Dois anos depois, Enila Chagas publicou *A letter from Brazil* (Chagas, 2003), que, com uma contextualização política e histórica do país, remonta à chegada da Gestalt-terapia no Brasil, ressaltando nomes como os de Thérèse Tellegen e Walter Ribeiro. O texto aponta importantes aspectos da disseminação dessa abordagem, bem como seu desenvolvimento e evolução, que se baseiam – como afirma a autora – no modelo *aqui e agora*, focado na experiência momentânea do indivíduo, marco inicial dessa abordagem, até o posterior estudo aprofundado da teoria, destacando as influências californianas que evidenciam a importância do dialógico na psicoterapia.

No ano seguinte, sob a organização de Marina Massimi (2004), ocorreu a publicação do livro *História da psicologia no Brasil do século XX*. Como afirma a autora, “ao mesmo tempo em que apresenta um panorama do desenvolvimento da psicologia no Brasil, ao longo de um século, evidencia também o caminho realizado, ao longo destes quatorze anos, pela área dos estudos históricos em Psicologia, no País” (Massimi, 2004, p. 11).

Nesse livro, dois capítulos estão diretamente relacionados com a história da Gestalt-terapia. O primeiro, realiza um resgate da psicologia humanista, intitulado *Primórdios da psicologia humanista no Brasil* (Gomes, Holanda & Gauer, 2004a), contextualizando a questão do humanismo e sua repercussão no Brasil. O segundo, intitulado *História das abordagens humanistas em psicologia no Brasil*, reitera com maior especificidade a história de várias abordagens, como a Abordagem Centrada na Pessoa, a Logoterapia e a Gestalt-terapia, inseridas no contexto da psicologia brasileira (Gomes, Holanda & Gauer, 2004b).

Com objetivo de contribuir para a história da psicologia, Holanda e Karwowski, (2004) apresentam à comunidade científica, como resultado de um estudo contínuo e completo, uma visão detalhada das produções acadêmicas de cursos de mestrado e doutorado, entre os anos de 1992 e 2002, e que tratam a abordagem gestáltica e da Gestalt-terapia no Brasil. Nesse texto, além de ser apresentada uma análise qualitativa dessas produções, de forma clara e sucinta, há uma apresentação de marcos históricos da Gestalt-terapia, referentes a datas, locais e sobretudo, nomes que serviram de base para o presente estudo.

No ano de 2005, uma série de publicações em formato de livro ressaltou a necessidade de uma discussão relativa à epistemologia da Gestalt-terapia. Karwowski (2005), baseado em seu trabalho de mestrado, publicou *Gestalt-terapia e método fenomenológico*. Nessa obra, o autor propõe uma investigação aprofundada das relações entre a fenomenologia como método e sua relação com a Gestalt-terapia.

No mesmo ano, Holanda e Faria (2005) organizaram o livro intitulado *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*, no qual apontam a necessidade de uma maior e melhor fundamentação epistemológica da Gestalt-terapia, por meio do diálogo interdisciplinar, com vistas a superar a perspectiva tecnicista – que, de algum modo, predominou na perspectiva americana da Gestalt-terapia, privilegiando o uso e a aplicação de técnicas – e a visão de fragilidade que a envolve.

Mais recentemente, nos anos de 2006 e 2007, a *Revista da Abordagem Gestáltica* vem se destacando com a publicação de duas seções destinadas à história dessa abordagem: na primeira seção, há textos de personalidades importantes para a construção dessa abordagem, e a segunda seção, denominada perfil, apresenta pessoas de relevância na sua história, como no texto de Lílian Meyer Frazão a respeito de *Thérèse Amelie Tellegen (1927-1988)*, e posteriormente o texto de Ari Rehfeld em homenagem a *Paulo Eliezer Ferri de Barros (1946-2006)* (Frazão, 2006; Rehfeld, 2007).

No que se refere à questão epistemológica, propriamente dita, a primeira publicação brasileira com esse intuito – o de refletir acerca dos fundamentos dessa nova abordagem – é de autoria de Jorge Ponciano Ribeiro (1985). Trata-se do livro *Gestalt-terapia. Refazendo um caminho*. Nessa obra, o autor estabelece uma referência que acompanhará todas as expressões posteriores relativas à Gestalt-terapia no Brasil, no que se refere aos seus alicerces: aponta o autor, nessa obra, que a Gestalt-terapia é uma abordagem sustentada por três *fundamentos Filosóficos* (humanismo, fenomenologia e existencialismo) e por quatro *teorias de base* (psicologia da Gestalt, teoria organísmica, teoria de campo e teoria holística). Essa formatação tornou-se o marco mais objetivo da nova abordagem, encontrado na quase a totalidade dos cursos de especialização na área.

Todavia, nota-se ainda a presença de diversas lacunas nessa história. Uma delas envolve a formação dos grupos de estudo e formação de Gestalt-terapia nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, bem como o papel que o Rio de Janeiro possui nessa construção. Outro elemento importante é a força que possui Brasília, para a constituição desse cenário.

Diante dessas lacunas, este trabalho busca elucidar – mediante os relatos diretos de protagonistas – alguns elementos, com vistas a contribuir para uma perspectiva mais clara e mais ampla da Gestalt-terapia brasileira. O próximo passo é a apresentação da perspectiva metodológica adotada.

Capítulo III

A PESQUISA

A seguir apresentaremos a pesquisa empírica, objeto de nosso trabalho, com destaque para a escolha do método e do instrumento. A partir do olhar dos nossos entrevistados, apontaremos para as seguintes questões relativas à história da Gestalt-terapia brasileira: *como esta abordagem chega ao Brasil; com quem chega e como se desenvolve*, a partir das perspectivas dos seus “primeiros atores”.

3.1 Momento empírico

3.1.1 Participantes

Com o intuito de contribuir para uma leitura mais aprofundada da história da Gestalt-terapia no Brasil, este trabalho segue uma proposta diferenciada. Foram entrevistados personagens que colaboraram, desde o início, para a chegada e o desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil. Eles foram também os responsáveis pelo aprofundamento e sedimentação dessa abordagem no país, por meio de estudos, trabalhos práticos e vivenciais.

Esses personagens – sujeitos dessa pesquisa – são denominados “primeiros atores”, por terem sido os pioneiros no desenvolvimento dessa abordagem, bem como por terem participado dos primeiros trabalhos e eventos no Brasil. Além disso, entende-se que atualmente há um grande contingente de novos *atores* que dão continuidade a essa história. A opção por essa denominação deu-se, ainda, pelo fato de que alguns dos efetivos pioneiros da Gestalt-terapia brasileira não mais estarem vivos, com especial destaque para as figuras de Thérèse Tellegen – considerada unanimemente como a introdutora dessa abordagem no Brasil, e falecida em 1988 – e de Paulo Barros, falecido mais recentemente, no ano de 2006.

Com um olhar qualitativo-fenomenológico, visamos compilar o legado histórico da Abordagem Gestáltica no Brasil, com base em acontecimentos, relatos e informações colhidas em depoimentos com esses “primeiros atores”, com o objetivo de elucidação de seu processo de desenvolvimento em nosso país.

As entrevistas realizadas pretendem apreender a experiência e a visão particular desses protagonistas no que se refere à chegada da Gestalt no Brasil, destacando as condições em que ela ocorreu e delimitando seu campo de desenvolvimento em território nacional.

A escolha dos entrevistados respeitou alguns critérios. Um deles é que a Gestalt-terapia brasileira foi construída no eixo geográfico que abrange os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e o Distrito Federal (mais especificamente, Brasília). Fora desse eixo, há referências a profissionais de outros estados, como Paraná, Rio Grande do Sul e Bahia (Holanda & Karwowski, 2004), mas os maiores desenvolvimentos dessa abordagem, em seus primórdios, estão relacionados ao eixo supracitado.

Outro critério para a escolha diz respeito à revisão de literatura. Os nomes escolhidos foram aqueles que tiveram maior destaque nos textos que tratam da história da Gestalt-terapia no Brasil. Foi feita uma minuciosa revisão bibliográfica dessa abordagem, tanto no que se refere à sua história, como prefácios às edições brasileiras de livros traduzidos (Perls, 1994; Perls 1979, 2002; Perls, Hefferline e Goodman, 1997; Miller, 1995); quanto a textos de relatos de experiências pessoais (Tellegen, 1972, 1982a, 1982b; Ribeiro, 1987, 1991, 1993; Ciornai, 1991a, 1991b, 1995, 1996, 1998; Lilienthal, Fernandes, e Ciornai, 2001; Juliano, 2004), e bibliografias buscam retratar historicamente a Gestalt-terapia (Lima, 1997; Gomes, 2001; Prestrelo, 2001; Chagas, 2003; Holanda & Karwowski, 2004; Karwowski, 2005; Pinto, 2006).

Com base nessas informações, foram identificados alguns dos “primeiros atores” dessa abordagem, e os entrevistados, nessa pesquisa, foram: Walter da Rosa Ribeiro, Jorge Ponciano Ribeiro, Abel Guedes, Selma Ciornai, Ari Rehfeld, Lílian Meyer Frazão, Jean Clark Juliano e Tessy Hantzschel. Todos esses *atores* foram protagonistas dos primórdios da Gestalt-terapia brasileira, tanto em termos de experiências vividas diretamente, quanto no que se refere à produção teórica e prática dessa abordagem.

A pesquisa contou ainda com outros colaboradores que, de algum modo, auxiliaram o esclarecimento de algumas passagens e fatos, como Eleonora Prestrelo, Enila Chagas, Luiz Lilienthal, Myrian Bove Fernandes, Terezinha Mello da Silveira, bem como todos aqueles que se mostraram disponíveis para tratar do assunto, mesmo em conversas informais.

Não foi possível colher depoimentos diretamente no estado do Rio de Janeiro, ficando o mesmo restrito às contribuições de alguns protagonistas. Embora seja incontestável a importância do estado na construção da Gestalt-terapia brasileira, fatores diversos à nossa vontade impediram que o acesso a essas informações. Do mesmo modo,

não foi possível contatar profissionais da região nordeste – de reconhecida contribuição para essa construção, como aqueles dos estados da Bahia, Ceará, Alagoas e Pernambuco – o que restringiu o espectro geográfico da pesquisa, primordialmente aos colaboradores de São Paulo e de Brasília.

3.1.2 Instrumento: a entrevista

O instrumento utilizado, para acessar a história vivenciada por aqueles denominamos de “primeiros atores”, foi a entrevista. O termo entrevista “advém dos radicais latinos *inter* e *videre*, e podemos entendê-lo etimologicamente como ‘entre olhos’, ‘no meio dos olhares’” (Turato, 2003, pp. 307-308). Dessa forma, esse instrumento científico permite ao pesquisador acessar a experiência vivida pelo entrevistado.

Esse instrumento conta com diversas variações, atende a várias finalidades e contribui de maneiras múltiplas para as pesquisas qualitativas. São várias as possibilidades de trabalho com a entrevista, que podem ser dirigidas, semi-dirigidas e não-dirigidas. Decidiu-se por utilizar esses termos e não mais entrevistas estruturadas, semi-estruturadas, e não-estruturadas, visto que, como afirma Turato (2003), toda e qualquer entrevista tem uma estrutura.

Desse modo, trabalho vale-se da entrevista semi-diretiva ou semi-dirigida, na qual o entrevistador introduz um tópico, por meio de uma pergunta *disparadora*, deixando o entrevistado livre para toda e qualquer contribuição. Como afirma Turato (2003), esse tipo de entrevista tem como proposta que tanto o entrevistado como o entrevistador possam, em algum momento, dar-lhe um direcionamento, o que representa um ganho, por possibilitar a reunião de uma maior e melhor quantidade de dados.

Nesse sentido, trata-se de um instrumento rigoroso de investigação científica de acesso do vivido, por meio do relato espontâneo do entrevistado, e, ao mesmo tempo, proporciona liberdade para que o participante possa apresentar fatos outros que, de alguma maneira, podem corroborar com a pesquisa.

O instrumento foi construído com três perguntas orientadoras: “*Como a Gestalt-terapia, na sua visão, chegou ao Brasil?*”; “*Com quem, na sua visão, a Gestalt-terapia chega ao Brasil?*”; “*Como você percebe o desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil?*”.

As entrevistas foram realizadas em local e horário definidos pelos entrevistados. Assim, o entrevistador deslocou-se até as cidades onde moravam os participantes, ou seja,

Brasília e São Paulo. Realizaram-se oito entrevistas que foram gravadas, posteriormente digitalizadas e encaminhadas para apreciação do colaborador. Ao fim da pesquisa, todo material de áudio recolhido será descartado, conforme firmado anteriormente. Todas as entrevistas contaram com o consentimento formal dos colaboradores, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as regras éticas de uma pesquisa.

Inicialmente todas as entrevistas foram transcritas na íntegra. Após esta etapa, procedemos a uma primeira leitura, buscando um “sentido de todo”, como proposto pela metodologia fenomenológica de pesquisa (Giorgi, 1985; Holanda, 2006; Andrade, 2007). Em seguida, foi feita uma análise onde os aspectos principais foram destacados – a partir das próprias falas dos entrevistados – de cada uma das entrevistas, e construído um texto preliminar, em separado, para cada um dos entrevistados. Esses textos preliminares são os que constam nos Anexos.

Por fim, os elementos comuns a estas falas foram agrupados em torno das três questões propostas, de modo a construir um quadro sobre a Gestalt-terapia brasileira, que apresentaremos a seguir, como o olhar dos “primeiros atores”. Convém assinalar neste momento, que as falas dos entrevistados serão, sistematicamente, apresentadas em itálico.

3.1.3 Sujeitos: os entrevistados

Neste momento estaremos apresentando, em ordem alfabética e de forma sucinta, cada um de nossos entrevistados, de modo a proporcionar ao leitor uma familiarização com os que foram, aqui neste trabalho, considerados os “primeiros atores” da Gestalt-terapia.

Começamos por Abel Marcos Guedes, psicólogo e psicoterapeuta, formado pela Universidade de Mogi das Cruzes, em 1974. Um dos introdutores da Gestalt-terapia brasileira, trabalha como consultor organizacional desde 1977– dirige a *AG Consultores* – além de atuar como psicoterapeuta, na cidade de São Paulo, desde 1975. Formador de Gestalt-terapeutas no Brasil, Uruguai e Espanha; tendo sido um dos precursores dessa abordagem no Brasil e Uruguai além de ter iniciado cursos e centros de estudo nos dois países. Atualmente coordena e supervisiona grupos de estudo em Gestalt-terapia e Eneagrama.

Ari Rehfeld, outro dos nossos entrevistados, é também um dos precursores da abordagem gestáltica no Brasil. Graduou-se em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-São Paulo) no ano de 1979. Especializou-se em Filosofia pela

mesma instituição no ano de 1984, e em Gestalt Terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae em 1982. Atualmente é professor contratado da PUC-SP como docente e supervisor de estágio, coordenando a Abordagem Fenomenológico-Existencial. Psicoterapeuta, ainda colabora com outras instituições, sendo Professor titular do Instituto Sedes Sapientiae e Membro do Conselho Deliberativo do Hospital Israelita Albert Einstein.

Seguindo na apresentação dos entrevistados temos Jean Clark Juliano, formada na primeira turma de psicólogos da PUC-SP onde posteriormente foi professora e coordenadora de grupos. É uma das pioneiras da Gestalt-terapia no Brasil e autora do livro *A Arte de Restaurar Histórias - O Diálogo Criativo no Caminho Pessoal*, publicado pela Summus Editorial (Juliano, 1999) além de ter vários artigos publicados. Tem contribuído com a abordagem gestáltica há muito, principalmente como professora e consultora de grupos de formação e de aperfeiçoamento, em várias regiões do Brasil e em outros países, como nos Estados Unidos, México e Argentina.

Jorge Ponciano Ribeiro, radicado em Brasília, é graduado em Filosofia (1955) e em Teologia (1959), pelo *Seminário Provincial de Diamantina*. Fez sua formação em psicologia pela *Pontefícia Università Salesiana di Roma*, em 1970. Pela mesma instituição, obtém seu mestrado em psicologia (1972) e seu doutorado (1975), com uma tese intitulada “Introdução ao Pensamento Psicoterapêutico de Sigmund Heinrich Foulkes”. Esta tese originou seu primeiro livro, *Psicoterapia Grupo-Analítica. Enfoque Foulkiano* (Ribeiro, 1981). Obteve sua especialização em Psicoterapia de Grupo pelo Instituto Brasileiro de Psicologia e Educação (IBE) em 1976. Entre 1978 e 1980, faz uma especialização em Gestalt-terapia no *Center for Studies of Person*, nos Estados Unidos. Conclui seu primeiro Pós-Doutorado, em 1979, no *Watford General Hospital Shrodells Psychiatric Unit*, e em 1990 conclui seu segundo Pós-Doutorado pela *Sussex University*, ambos na Inglaterra. Como Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), orientou diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado na área e em Gestalt-terapia. Jorge é o autor que mais publicou em Gestalt-terapia no Brasil, com destaque para os livros *Gestalt-terapia. Refazendo um Caminho*, primeiro texto de epistemologia da Gestalt publicado no Brasil (Ribeiro, 1985); *Gestalt-terapia. O Processo Grupal* (Ribeiro, 1995); *O Ciclo do Contato* (Ribeiro, 1997); *Psicoterapia de Curta Duração* (Ribeiro, 1999); *Do Self e da Ipseidade. Uma proposta conceitual em Gestalt-terapia* (Ribeiro, 2005) e, mais recentemente, *Vade-Mecum de Gestalt-terapia* (Ribeiro, 2006).

Lilian Meyer Frazão possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1973) e Mestrado em Psicologia Clínica pela mesma instituição (1983) onde leciona

atualmente. Especialista em formação para Psicodramatistas pela SOCPsic (1978) e em Gestalt-terapia a título de formação complementar, realizado em diferentes países, incluindo Estados Unidos, Canadá e França. Possui vários artigos publicados na área da Abordagem Gestáltica. Atualmente é psicóloga clínica – atuando em consultório particular com ênfase na Gestalt-terapia – professora e orientadora convidada em diversos institutos de Gestalt em território nacional e internacional. É fundadora do *Espaço Thérèse Tellegen – ETT*, em São Paulo.

Selma Ciornai, outro nome importante da Gestalt brasileira, fez parte do primeiro grupo de professores a formar Gestalt-terapeutas no Brasil. Graduada pela Universidade de Haifa, em 1975, com Mestrado em Arte Terapia na *California State University*, em 1980, e Doutorado em Psicologia Clínica no *Saybrook Graduate School and Research Center*, em 1996, foi ainda a fundadora, em 1989, do Departamento de Arteterapia do *Instituto Sedes Sapientiae*, além de uma das fundadoras, em 2000, do *Instituto Gestalt de São Paulo*. Suas contribuições são marcantes após sua chegada ao Brasil.

Tessy Hantzschel é um nome que aparece na Gestalt-terapia desde seu início, quando em parceria com Thérèse Tellegen, com quem compartilha das mesmas raízes holandesas. Nascida em solo brasileiro, em Rio Claro foi, uma das primeiras a entrar em contato com a Gestalt-terapia no Brasil. Sua formação primeira se dá em pedagogia, na USP, e posteriormente em Psicologia pela mesma instituição. Foi professora por anos na PUC-São Paulo, onde conheceu Thérèse. Algum tempo depois de entrar em contato com a Gestalt-terapia, se volta à Psicanálise. Atualmente é presidente de uma ONG que se empenha em um trabalho de desenvolvimento e capacitação de professores, em bairros como o de Campo Limpo, em São Paulo.

Por fim, temos Walter Ferreira da Rosa Ribeiro, que é também um dos fundadores da Gestalt-terapia no Brasil, além de precursor dessa abordagem na região Centro-Oeste. É também fundador e membro do Conselho Diretor do Centro de Estudos de Gestalt-terapia de Brasília (Cegest). Ex-professor da Universidade de Brasília (UnB), é autor do livro, primeiramente publicado pela Summus em 1998: *Existência >> Essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. Em 2007, este livro, atualizado e com acréscimos, foi publicado nos Estados Unidos. Atualmente se dedica ao Centro de estudos onde é também professor além de se dedicar à prática clínica, bem como e principalmente conduzir e pertencer a grupos de profissionais dedicados ao aprofundamento dos princípios e prática da Gestalt-terapia.

3.2 A Gestalt-terapia no Brasil: o olhar dos “primeiros atores”

Ao focar a interrogação que moveu o pesquisador pelos caminhos dessa investigação, retorna-se a ela para compreender os dados analisados em relação aos quais foram feitas as primeiras interpretações. O objetivo é compreender o momento histórico-cultural no qual a Gestalt-terapia foi introduzida no Brasil, bem como as pessoas responsáveis por esse processo, seu posterior e atual desenvolvimento.

Para tanto, os sujeitos dessa investigação são os gestalt-terapeutas que primeiro se depararam com essa abordagem, ou melhor, os seus “primeiros atores”.

Após a realização das entrevistas e a devida apreciação dos participantes, apresenta-se um diálogo entre os dados colhidos dos “primeiros atores”, a fim de tentar compreender o processo de *como chega, com quem chega e como se desenvolve* a Gestalt-terapia no Brasil. Nesse diálogo, busca-se, uma compreensão do contexto sócio-político e cultural da época, com base nos relatos dos entrevistados, procurando antever as especificidades dessa época.

3.2.1. Como chega

Observa-se, preliminarmente, que o momento histórico no qual surge a Gestalt-terapia no Brasil é precedido por turbulências políticas e sociais, envolvendo a ditadura militar e outros eventos.

Comumente considera-se “ditadura” no Brasil, o período compreendido entre os anos de 1964 e 1985 que foi marcado por um governo autoritário apoiado pelas forças armadas, pela falta de democracia, por perseguições políticas, repressão e censura.

Selma Ciornai afirma ter participado intensamente do movimento estudantil de sua época, mas, em 1969, deparou-se com algumas mudanças. *“Eu senti que essencialmente o movimento estudantil, enquanto tal estava acabando, foi se transformando em guerrilha urbana, passando para a ilegalidade e eu não quis isso [...] Como na época eu não via nenhuma outra possibilidade, por essas e por outras, eu achei que era uma boa saída eu ir embora do Brasil”*.

Lílian Meyer Frazão ressalta que a Gestalt-terapia surgiu no Brasil *“no início dos anos 1970. [...] uma época de ditadura no Brasil, de muita repressão, um cerceamento a todos os tipos de liberdade”*. Jean Clark Juliano assinala que, nessa época, *“qualquer manifestação grupal era proibida. A nossa liderança era a Madre Cristina [Madre*

Cristina Sodré, fundadora do *Sedes Sapientiae*], *que lutou por muitas causas durante sua vida, inclusive o nascimento da psicologia no Brasil, e teve uma idéia: formar um centro de estudos, de educação, de psicoterapia, onde todas as abordagens modernas teriam espaço. Ela tinha a cabeça muito à frente do seu tempo!*”

O centro de estudos a que se refere Jean, foi de grande importância para a construção da Gestalt-terapia brasileira, porque, com a criação do *Instituto Sedes Sapientiae*, no ano de 1977, por Madre Cristina, toda a *terceira força* da psicologia nele encontrou abrigo, incluindo a Gestalt-terapia.

A leitura das entrevistas aponta ainda um outro fator, também de grande destaque, no que se refere à forma com que a Gestalt-terapia se estabeleceu no país. Abel Guedes relembra que a história remonta à ligação entre a teoria rogeriana e a Gestalt-terapia e, que, para ele *“foi fortíssima essa ligação. Depois houve um momento, quando a gente conseguiu se reestruturar, porque veja, era um momento que as coisas estavam se estruturando, a Psicologia estava achando um lugar no Brasil, um momento histórico em que as coisas não tinham uma organização [...] O que tinha de estruturado eram os rogerianos, então todo o pessoal que queria ir para a terceira força, o pessoal que pretendia uma coisa que não fosse behaviorismo e não fosse psicanálise, ia pro [movimento] rogeriano. Então nosso início é aí, tanto que num segundo momento, e aí eu não sei, acho fantástico enquanto história, se configura o grupo dos rogerianos e o grupo dos gestaltistas. Há [...] uma certa rivalidade, um certo antagonismo, num dado momento, apesar de um reconhecimento mútuo. Depois há um afastamento, cada um vai seguir seu caminho e eu não sei, mas na minha ignorância histórica, os rogerianos não conseguem se estruturar enquanto grupo. E num dado momento tem um ponto sério em que os rogerianos se agregam ao grupo de Gestalt e viram gestaltistas que é um enriquecimento”*.

Jorge ressalta que *“a grande evolução da Gestalt-terapia no Brasil nasce, de um certo modo, como se fosse uma contra-cultura, uma contra-cultura à psicanálise e à comportamental”*, o que encontra sustentação também no depoimento de Abel Guedes.

Outros entrevistados reiteram que foi importante a presença de pessoas que estavam ligados ao movimento rogeriano. Walter lembra que, *“como o John Wood [John Keith Wood, colaborador de Rogers] estava circulando por aí, a gente tinha muito boas informações dele, nós convidamos ele pra fazer um workshop de fim de semana com a gente (...)”*. Jean, Lílian e Jorge também destacam a colaboração de Maureen Miller O’Hara, que como John Wood, fazia parte do *staff* de Carl Rogers. Assinala Jean: *“Ela [Maureen] fazia uma coisa que denominava de Gestalt-terapia centrada no cliente”*.

Percebe-se que, no tocante à psicologia humanista no Brasil, ainda persiste uma certa confusão entre as abordagens. Em muitos cursos, mesmo os de graduação, a Gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa vêm sendo consideradas como paralelas, muitas vezes de forma indiscriminada, ou seja, sem as devidas distinções epistemológicas. Em grande parte, isso se deve, conforme Coimbra (1992), o chamado *movimento do potencial humano*, importado dos Estados Unidos da América, e associado à representação de Esalen, cidade considerada o *berço* da psicologia alternativa americana (invariavelmente associada à psicologia humanista), e que se identificava aos nomes de Carl Rogers, Abraham Maslow, Anthony Sutich, Fritz Perls e outros. No Brasil, grandes *workshops* foram promovidos por Rogers, nas décadas de 1970 e 1980, como em Arcozelo-RJ e em Brasília-DF, nos quais a participação de terapeutas de variadas abordagens gerou inovações nas mais diversas tendências, como por exemplo, no livro de Roberto Crema (1985), intitulado *Análise transaccional centrada na pessoa*.

De certa forma, o mesmo ocorreu com a construção da própria Gestalt, no qual se observa a contribuição de tantas outras abordagens, como o psicodrama e a análise de caráter de Reich, por exemplo. Atualmente, com o incremento da preocupação acerca da fundamentação epistemológica da Gestalt-terapia, observa-se uma maior distinção entre os dois movimentos – talvez pela necessidade de resgate de suas respectivas identidades – e um maior cuidado com suas diferenciações, como fazem vários autores (Ciornai, 1991a, 1996, 1998; Karwowski, 2002; 2005; Holanda & Karwowski, 2004; Holanda, 2005; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007).

Com base nessas assertivas, percebe-se a Gestalt-terapia chegando no Brasil em momento muito conturbado politicamente, porém de efervescência cultural, no sentido de busca do novo e do diferente, proporcionando um campo fértil para essas novas idéias, que vinham também de um momento muito iluminado e produtivo vividos por Fritz Perls e Laura, anos antes na Alemanha, quando em contato com movimentos filosóficos representativos como a Escola de Frankfurt, ou movimentos culturais como a *Bauhaus*.

3.2.2. Com quem chega

Vários foram as pessoas ressaltadas pelos entrevistados, como representativas dos primórdios da Gestalt-terapia no Brasil, mas pode-se, de imediato, destacar os nomes de Madre Cristina Sodré, de Th r se Tellegen e de Paulo Barros, além das

contribuições de estrangeiros, como Robert Martin, Janet Rainwater, John Keith Wood e Maureen Miller.

3.2.2.1 Madre Cristina Sodré

Destacar o nome de Madre Cristina Sodré (1916-1997) é resgatar parte da própria história da psicologia brasileira. Madre Cristina, como era conhecida, nasceu Célia Sodré Dória, em Jaboticabal, estado de São Paulo, no dia 7 de outubro de 1916 (Baptista, 2001).

Filha de uma família tradicional do interior de São Paulo, realizou seus estudos na escola particular Santo André, na qual concluiu o curso normal. Dois anos depois, freqüentava no Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras, curso de pedagogia com complemento em filosofia e, posteriormente, o curso superior de religião (Baptista, 2001).

Madre Cristina, no ano de 1974, cria o Instituto *Sedes Sapientiae* que veio a ter uma sede própria três anos depois. Com isso a Madre passou a atuar, não apenas no âmbito escolar, mas também faz parte do movimento político da época. Como afirma Baptista (2001), “a Madre, em todas as ocasiões em que se manifestou sobre o Instituto *Sedes Sapientiae*, dizia que ele era um espaço político e não só uma escola” (p. 68).

Para Madre Cristina, o *Sedes* era “um espaço aberto a quantos quiserem estudar e praticar um projeto para transformação da sociedade, fazendo-a passar deste capitalismo selvagem para um modelo de socialismo democrático e libertador” (*Histórias e memórias*, 1998, p. 69, citado por Baptista, 2001, p. 71).

Com essa perspectiva, Madre Cristina deu margem ao desdobramento de diferentes correntes de pensamento e atuações terapêuticas no *Sedes*, ao fomentar a diversidade teórica e prática no Instituto. Nesse momento de efervescência, surgiu o primeiro curso oficial de Gestalt no país, intitulado Gestalt e Reich, em 1976, no esteio de outros cursos já existentes no Instituto. Lílian relembra que “Thérèse e Tessy, junto com a Ana Verônica Mautner [terapeuta reichiana à época] deu um curso de introdução à Gestalt-terapia a convite da Madre Cristina, que recém tinha fundado o instituto”, sendo, portanto, o primeiro curso institucional de Gestalt-terapia de que se tem notícia no Brasil.

3.2.2.2 Thérèse Emile Tellegen

Um nome que reconhecidamente vem sendo apontado como pioneiro da Gestalt-terapia brasileira é o de Thérèse Amelie Tellegen, que nasceu na Holanda, no ano de 1927. Passou toda sua infância e juventude em seu país de origem, onde cursou a faculdade de História na Universidade Católica de Nijmegen.

Era ligada ao movimento do Graal, um “movimento religioso de mulheres que enfatizava o papel da mulher na sociedade e promovia intercâmbios com esse fim”, como afirma Frazão (2006). Como integrante desse grupo religioso, na condição de freira leiga, Thérèse mudou-se para o Brasil, para coordenar o Centro de Estudos do Graal em São Paulo, no ano de 1956.

No Brasil, interessou-se pela psicologia, área em que se especializou e começou a atuar, mesmo quando a profissão ainda não estava regulamentada⁵. Participou de vários cursos de formação e *workshops*, visando um constante aperfeiçoamento e sobretudo buscando o conhecimento de novas formas de atuação.

Thérèse Tellegen era muito interessada em dinâmica de grupos e processos grupais, além de ser muito ligada à fenomenologia. Passou a estudar Gestalt, e como afirma Tessy, “*ela começou a estudar, como todas nós começamos, num ponto de vista contextual da Escola Gestalt Alemã composta por Wertheimer [Max Wertheimer], Koffka [Kurt Koffka], Köhler [Wolfgang Köhler]. Mas ela foi se dando conta que a expressão clínica da Gestalt era outra coisa*”.

Ari Rehfeld relembra que “*a Thérèse [Tellegen] vai pra Inglaterra e se interessa pela Gestalt, tem contato com a Gestalt e traz pra cá*”, o que se deu em 1972, após uma viagem a Londres, onde Thérèse participou de um workshop no Instituto Tavistock, e travou contato com a Gestalt-terapia, abordagem ainda desconhecida no Brasil.

Lílian afirma ser a “*Thérèse, a primeira que começou a apresentar a Gestalt-terapia em congressos; no boletim de Gestalt*”, pois, ao retornar de sua viagem, publicou no *Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo* o artigo, intitulado *Elementos de Psicoterapia Gestáltica*, no qual apresenta essa nova linha de pensamento e atuação clínica, que vem a ser o primeiro artigo de Gestalt-terapia publicado no Brasil.

⁵ A profissão do psicólogo só foi regulamentada no país em 1962. A criação dos conselhos – órgãos encarregados de velar pela organização do exercício profissional e que congrega todos os psicólogos brasileiros – é ainda mais recente, datando de 1971.

Thérèse decidiu aprofundar-se – teórica e praticamente – nos estudos dessa nova abordagem. Promoveu, em 1973, em São Paulo, o primeiro *workshop*, sobre o assunto, com Silvia Peters. Em 1976, Jean relembra que, “*a Madre Cristina resolveu mandar a Thérèse e a Tessy para San Diego [...] Ela financiou a viagem e o curso das duas*” que, assim, participaram de um *workshop* coordenado por Erving e Miriam Polster, ocasião na qual conheceram Bob Martin, que, a convite delas veio, ao Brasil promover *workshops* e supervisões.

Sempre muito ativa e comprometida com essa nova abordagem, Thérèse trabalhou incessantemente na fundamentação e divulgação dessa abordagem, promovendo *workshops* e grupos de estudos, que culminaram no curso de especialização promovido no Instituto Sedes Sapientiae sobre *Gestalt e Reich*.

Tessy lembra que havia “*um trabalho muito interessante na época, – eu acho que é tudo anos setenta isso – que era a Reich e Gestalt. [...] Então o grupo vinha e tinha essas duas formações. Ficou muito interessante; pra eles Reich quem dava era o Godói, que era psiquiatra [...] e psicodramatista e a Ana Verônica Mautner, que agora é psicanalista, de um lado; e eu e a Thérèse, então, dando Gestalt. Foi um ano bem rico*”.

Além do desenvolvimento de cursos e *workshops*, Ari ressalta ser Thérèse a pessoa que “*organiza o grupo e a minha leitura é essa [...] Ela escolhe Jean, ela escolhe Abel, ela escolhe a Lillian, ela forma o grupo e ela manda, e ela é a grande líder! Quer dizer, Thérèse organizou tudo isso. Thérèse era uma pessoa que as pessoas se agrupavam em volta dela e que tinha muita convicção, e muita firmeza e dava as diretrizes, e por isso esse grupo funciona. Quando Thérèse morre, o grupo se desfaz*”.

No dia 2 de julho de 1988, Thérèse que sofria de câncer, vem a falecer.

3.2.2.3 Paulo Eliezer Ferri de Barros

Um nome, ressaltado pelos entrevistados, e que por vezes se encontrava nas entrelinhas do processo de introdução da Gestalt-terapia brasileira é o de Paulo Barros.

Nascido em 1946, Paulo foi psicólogo, professor e escritor. Formou-se em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual lecionou por dez anos. Sua formação inicial era de orientação junguiana, e posteriormente, complementou seus estudos em Gestalt-terapia, estudando com John Stevens e Barry Stevens.

Além de psicoterapeuta durante 25 anos, foi um dos introdutores da Gestalt-terapia no Brasil, participando de encontros nacionais de Gestalt-terapia, com publicações

na literatura especializada. Foi ainda professor convidado do curso de Gestalt-terapia do *Sedes Sapientiae*.

Jean afirma que Paulo “[...] foi o primeiro, antes da Thérèse. Ele fala, dá aula. Tinha material, tinha fitas gravadas, desenvolvia trabalhos...”. Assinala ainda que Paulo foi quem “falou da Gestalt-terapia primeiro e foi para Salt Lake City onde tinha a Barry Stevens e o John Stevens. A vertente do Paulo foi a do ‘Isto é Gestalt’ e ‘Não apresse o rio’. Então o Paulo, quando voltou, trouxe esse material para trabalhar”. Jean destaca uma perspectiva diferenciada de fazer Gestalt, ligada a esses nomes.

Abel ressalta que, ao retornar dos EUA, “Paulo chegou com a tal da Gestalt dizendo: ‘Olha eu trouxe um curso que... trouxe uma coisa pra você fazer. [...] E aí ele falou que era a Gestalt’”. Traz consigo “uma série de fitas cassete, vários trabalhos do Fritz. Um trabalho do Stevens [John Stevens] e um outro do Naranjo [Cláudio Naranjo], e põe uma tradutora pra fazer a tradução. Fizemos alguns experimentos”.

Ari acrescenta que além de ir para os EUA, Paulo “entra em contato com o pessoal de Gestalt, se entusiasma, vem pra cá [retorna ao Brasil]. Convence a Summus de traduzir e publicar um monte de coisa e se torna o organizador dessas publicações [...]. Quem fez isso foi o Paulo Barros e pouco se fala nisso, mas eu acho que a entrada da Gestalt-terapia, foi mais forte ou pelo menos igualmente forte, pelos livros publicados em Gestalt, que começaram a ser vendidos nas livrarias em todo lugar, ou pelo menos o tanto quanto os grupos de formação” que aconteciam no *Sedes*. O acesso a essa bibliografia, segundo o entrevistado, teve grande influência para a construção da Gestalt brasileira.

A importância de Paulo Barros deu-se fundamentalmente no segmento das publicações em Gestalt-terapia, pois coordenou durante dez anos a coleção *Novas Buscas em Psicoterapia*, pela editora Summus, com mais de quarenta títulos publicados. Ele selecionou os títulos, fez contato com algumas editoras, além de trabalhar na revisão científica das traduções. Colaborou com a tradução e publicação dos primeiros volumes a respeito dessa abordagem, no Brasil, o que favoreceu a difusão da Gestalt-terapia. Publicou em 1994, *Narciso, a bruxa e outras histórias psi* pela Summus editorial. No ano de 2006, pouco antes de sua morte, seu último livro, intitulado *Amor e ética*, foi publicado pela mesma editora.

Rehfeld (2007) afirma que:

Paulo foi um dos introdutores da Gestalt-terapia no Brasil. No início dos anos 1970 foi aos Estados Unidos e voltou cheio de energia, e com muito material. Distribuiu-o e, como um bom professor, entusiasmou a todos com as novas idéias. Nos Estados Unidos fez um

treinamento intensivo, em Gestalt-terapia, com John Stevens, no *Esalen Institute*, e também lá fez Bioenergética com Alan Swarts e professores do *Radix Institute*. (p. 166)

Lídia Arantagy (2006), no prefácio do livro *Amor e ética*, de Paulo Barros, afirma que ele era, além de amigo,

poeta inspirado, prosador divertido, pensador coerente, filósofo erudito, crítico arguto. E terapeuta da melhor qualidade, daqueles raros, de orelhas enormes e boca pequena. Sua visão do ser humano revela uma enorme ternura por nossas fraquezas, não a condescendência dos arrogantes, mas a compreensão de quem provou do mesmo sal (p. 7).

3.2.2.4. As primeiras contribuições de terapeutas americanos

Walter afirma que no ano de 1976, Thérèse e Tessy “foram as duas fazer o grupo dos Polsters, lá em San Diego” O treinamento de que participaram “era de um mês; era vivencial, e um dos convidados era Bob Martin, que foi a pessoa que as duas gostaram mais”.

Ao voltar ao Brasil, Thérèse que coordenava grupos de estudos, decidiu convidar profissionais de outros países para conduzirem os *workshops*, e como relata Jean, “primeiro veio o Bob Martin, que foi nosso padrinho, nosso ponto inicial. [...] Foi um desbravador!”.

Walter relembra que Bob enviou uma “lista de 11 pessoas que ele aceitaria para dar treinamento [...] em fevereiro de 1977 nós fomos pra Fazenda em Holambra, casa da mãe da Tessy, ficamos lá 15 dias com Bob Martin”.

Desse grupo, como afirma Walter “ainda restam o Abel Guedes, a Jean [Clark Juliano], Walter [Ribeiro] e Lílian [Meyer Frazão], porque a Tessy [Hantzschel] já, pouco antes de 1990 ela voltou pra psicanálise, ela já era uma psicanalista famosa em terapia com adolescente, e até hoje é um nome lá em São Paulo. O Paulinho [Paulo Barros] morreu há um ano e pouco”. Acrescenta ainda os nomes de “Thérèse [Tellegen], Fany [Liguete], Mariana [Mariana Auerbach], ela fez o grupo também, a Ieda Porchat começou o grupo e logo precisou sair... ela não voltou”. Diz não se lembrar dos nomes dos demais participantes.

Pouco depois, Bob decidiu por não dar mais treinamento no Brasil e indicou Janet Rainwater que conduziu um *workshop* de dez dias em São Paulo. Walter afirma que a experiência não foi um sucesso, o que fez que o grupo procurasse outra pessoa que pudesse instruí-los.

Nesse momento, acontecia o encontro em Arcozelo-RJ, o que tornou possível o contato com John Wood, nome que se destaca nos depoimentos dos colaboradores. John Keith Wood – que também compunha o *staff* original de Rogers – posteriormente casou-se com uma brasileira, Lucila, e veio a radicar-se no Brasil, mais especificamente em Jaguariúna, próximo a Campinas, no estado de São Paulo. John chegou a lecionar na PUC de Campinas, e veio a falecer recentemente.

Segundo Walter, foi John quem indicou o nome de Maureen Miller, que era sua co-terapeuta à época, e que se tornou um nome igualmente de destaque para a construção da Gestalt brasileira. Ela também fazia parte do *staff* de Carl Rogers, acompanhando-o em seus trabalhos, chegando mesmo a participar em São Paulo e Campinas para vários *workshops*.

A experiência de Maureen com Rogers criou uma perspectiva que, de certa forma, marcou uma parte do grupo de psicólogos humanistas brasileiros. Como assinala Jean, “*ela [Maureen] fazia uma coisa que denominava de Gestalt-terapia centrada no cliente*”. A proximidade entre esses dois modelos de pensamento – de um lado, a abordagem centrada na pessoa, de Rogers, foi introduzido no Brasil com mais de uma década de antecedência; e, de outro, o modelo de Gestalt-terapia, de Fritz Perls – fez que fosse criada uma geração de terapeutas que buscavam *unir* as duas abordagens. Além disso, contribuiu para que algumas gerações posteriores viessem a confundir as duas abordagens ou a sugerir, como Maureen o fazia, uma junção delas.

Posteriormente, Maureen Miller tornou-se diretora do *Instituto Saybrook*, instituição que ficou conhecida nos EUA como um centro de pesquisas de difusão da psicologia humanista. Nesse mesmo instituto, Selma Ciornai, figura expoente para a Gestalt-terapia brasileira, concluiu seu curso de doutorado.

O rol de nomes citados já reflete um aspecto característico da Gestalt-terapia, e aponta os modos pelos quais ela surgiu no Brasil, ou seja, expressa a diversidade de sua construção, que conta com a contribuição de uma miríade de outras abordagens, o que pode-se observar pelas próprias experiências dessas pessoas. Thérèse e Tessy, com formação anterior em psicodrama; Paulo que era junguiano; Bob Martin e Janet que eram gestaltistas e discípulos de Fritz Perls, e, posteriormente, John Wood e Maureen Miller, como representantes da abordagem centrada no cliente.

De fato muita gente endossou a chegada dessa nova abordagem. Essa teoria pôde ser constantemente pensada, repensada e até mesmo discutida, com base em seu referencial teórico, com os livros traduzidos por Paulo Barros, bem como com o estudo de outras

obras, e também vivenciada de diferentes maneiras, em razão dos diferentes enfoques dados por aqueles que se tornaram os semeadores dessa teoria.

Desse modo, a seguir, apresenta-se como se desenvolveu a Gestalt-terapia no Brasil, com base na visão e experiências individuais dos “primeiros atores”, por meio de suas entrevistas.

3.2.3. Como se desenvolve

Para apreender o modo *como se desenvolveu* a Gestalt-terapia no país, contempla-se a apresentação de grupos de caráter vivencial bem como de desenvolvimento epistêmico Gestalt-terapia e sua realidade atual, bem como de suas perspectivas futuras.

Como assinalado anteriormente, a Gestalt-terapia chega no Brasil de duas formas. Ari relembra que *“a Thérèse [Tellegen] vai pra Inglaterra e se interessa pela Gestalt, tem contato com a Gestalt e traz pra cá. Nessa mesma época, e pouca gente fala disso, o Paulo Barros [Paulo Eliezer Ferri de Barros] vai para os Estados Unidos, entra em contato com o pessoal de Gestalt, se entusiasma, vem pra cá. Convence a Summus de traduzir e publicar um monte de coisa e se torna o organizador dessas publicações”*.

Além da evidente contribuição dessas duas figuras, Jorge faz uma ressalva, destacando que *“nós não prestamos homenagem a uma mulher da Bahia [...] seja como for, em termos de falar Gestalt, a palavra Gestalt, ela foi a primeira pessoa”*. Nesse momento, faz alusão à Vera Felicidade de Almeida Campos, que tem sua importância destacada também por Lílian: *“o primeiro [livro] foi da Vera Felicidade – ela tem um livro dos anos 1970 de Gestalt-terapia”*. A entrevistada refere-se ao livro intitulado *Psicoterapia Gestaltista – conceituações*, publicado em 1972 (portanto, no mesmo ano do artigo de Thérèse Tellegen).

Com base nos relatos individuais, percebe-se a força, primeiramente, dos *workshops* vivenciais e, posteriormente, dos grupos de estudos a respeito dessa nova abordagem.

Tessy afirma que Thérèse, por estudar dinâmica de grupo, tinha ligações com a fenomenologia, passou então a estudar Gestalt, *“mas ela começou a estudar, como todas nós começamos, num ponto de vista contextual da Escola Gestalt Alemã composta por Wertheimer, Koffka, Köhler. Mas ela foi se dando conta que a expressão clínica da Gestalt era outra coisa”*.

Walter relembra que Thérèse, em 1972 “*fez dois workshops no Instituto Tavistock*”, Lílian reitera que “*Thérèse ainda não era Gestalt-terapeuta [...] tinha ido para a Inglaterra e quando estava lá, ela teve contato com a Gestalt-terapia através do contato com o trabalho de Silvia Peters. Gostou do trabalho e a convidou para vir para o Brasil*”.

O primeiro *workshop* fora realizado no ano de 1973, no Grupo de Estudos de Psicologia Social Aplicada (GE3PSA), fora coordenado por Silvia Peters. Lílian cita a presença de algumas pessoas: “*o Paulo Ribeiro, [...] acho que o Abel [Abel Guedes] estava nesse grupo. A Jean não estava, nesse primeiro grupo não*”.

Após o primeiro *workshop*, Jean comenta: “*compramos livros de Gestalt, [e] a Madre Cristina resolveu mandar a Thérèse e a Tessy para San Diego*”.

Walter recorda que no ano de 1976, Thérèse e Tessy “*foram, as duas, fazer o grupo dos Polsters, lá em San Diego*”. De acordo com Tessy Thérèse, sempre muito ativa e interessada, logo teve acesso à literatura disponível acerca da Gestalt, a respeito de Fritz Perls e do movimento californiano. Desse modo, “*era na Califórnia que estava brotando todo esse movimento novo do Perls via Gestalt. Então fomos pros EUA, e lá nós encontramos a turma que era a turma dos discípulos do Perls, nos anos 1970 então estava tudo bem recente. [...] Nós escolhemos San Diego, que é um lugar da Califórnia de uma boa safra de psicólogos formados em Gestalt via o Perls*”. Afirma não terem ido a Esalen “*mas nós tínhamos eles, de Esalen, conosco em San Diego. Eles tinham os seus lugares de trabalho e nós freqüentávamos. [...] Nós fomos mais de uma vez. Ficamos todo o tempo trabalhamos praticamente todos os dias, várias horas por dia*”. Esta viagem aos Estados Unidos havia sido possível graças ao incentivo de Madre Cristina Sodré, a fundadora do *Instituto Sedes Sapientiae*.

Walter afirma que o treinamento que participaram “*era de um mês; era vivencial, e um dos convidados era Bob Martin, que foi a pessoa que as duas gostaram mais*”. A partir daí, em dezembro de 1976, Bob Martin é convidado a vir dar um treinamento no Brasil.

Lílian afirma que Bob Martin “*fez um workshop no final de semana e deu algumas supervisões. Eu participei desse workshop, a Jean [Jean Clark Juliano] participou, o Abel, o Paulo [Paulo Barros], Tessy, o Walter, Raquel Vieira da Cunha*” dentre outras pessoas.

Bob marcou para o ano seguinte seu retorno ao Brasil. Assim, como destaca Walter, em “*fevereiro de 1977 nós fomos pra Fazenda em Holambra, casa da mãe da*

Tessy, ficamos lá quinze dias com Bob Martin". Lílian rememora que *"desse workshop participaram [...] Fiorangela Desidério, que não é mais Gestalt-terapeuta, Jean Clark Juliano, Abel Guedes, Lílian Frazão, Thérèse Tellegen, Walter Ribeiro, Fany Ligueti"* e posteriormente teve comentário acerca da participação de Mariana, Tessy e Paulo Barros. Segundo Walter *"a Ieda Porchat começou o grupo e logo precisou sair... ela não voltou"*.

Abel reitera que foi *"um workshop muito importante para todos, foi um marco na vida de todos que participaram. [...] Uma das coisas que a gente faz em Holambra, eu acho que é importantíssimo. Como não existia Gestalt-terapeutas, naquele grupo nós nos transformamos um em cliente-terapeuta, um do outro, que eu acho que foi uma coisa muito boa"*. Lembra que *"quando a gente sai de Holambra, que a gente continua esse movimento, [...] continua o grupo de estudo"*.

Lílian diz que após os treinamentos com Bob Martin *"a gente queria mais, aí ele sugeriu que a gente convidasse a Janet Rainwhater [...]. Nós convidamos a Janet, fizemos um workshop com ela no consultório da Fanny Ligueti, e foi meio desastroso"*.

Após essa experiência, o grupo decidiu procurar por outra pessoa que lhes pudesse dar treinamento. Nessa mesma época acontecia aquele que fora o primeiro *workshop* de grande grupo realizado no Brasil, em 1977, em Arcozelo (Rio de Janeiro), com Carl Rogers, John Keith Wood, Maria Villas-Boas Bowen, Maureen Miller e Jack Bowen dentre outros brasileiros de renome na abordagem centrada na pessoa.

Houve o primeiro contato com John Wood, que posteriormente indicou Maureen Miller-O'Hara, que fora por algum tempo sua co-terapeuta, e que seria responsável por cursos em Brasília e outras cidades brasileiras.

No que se refere ao âmbito da vivência, Abel afirma que sua experiência com teatro o ajudou muito: *"[...] estudei muito teatro, estudei muito Stanislavski, e o Fritz tem toda essa influência, mas só que ele não explicita e que não é uma influência de técnica, é uma influência de atitude frente à vida, que é mais do que um recurso técnico [...]. Então essa é uma influência, uma pré-condição, que mais do que influência pra mim é uma formação que me possibilita conhecer a Gestalt de um jeito bastante particular, com uma intimidade, e eu entrei por um caminho mais vivencial"*.

Com base nos relatos, verifica-se que o primeiro contato dos entrevistados foi com uma Gestalt-terapia mais vivencial. Jean declara que *"antes de conhecermos a Gestalt, cada um tinha o seu jeito. Então, começamos a convidar professores do exterior. Trabalhamos com vários coordenadores, e pudemos constatar que também eles tinham o seu próprio estilo. O que tornava o estudo mais difícil, pois não havia uma [ênfatisa]*

Gestalt. Cada um foi desenvolvendo um jeito próprio”. Este comentário corrobora algumas posições encontradas na literatura, que apontam a diversidade de olhares da Gestalt-terapia brasileira (Holanda, 2005; Holanda & Karwowski, 2004)

Outro fator que colaborou para a Gestalt-terapia ser conhecida mais como técnica foi a divulgação do “livro ‘*Gestalt Therapy Verbatim*’, [...] *aquele que depois seria traduzido por Paulo Barros, como ‘Gestalt-terapia Explicada’*”. Este livro foi compilado e editado por John Stevens, em 1969. A tradução brasileira, na sua primeira edição, em 1977, teve seu prefácio escrito pela própria Thérèse Tellegen no qual se lê: “apresentar *Gestalt Terapia Explicada* ao leitor brasileiro é convidá-lo para um encontro. E, se na verdade ele se dispuser a um encontro, dispõe-se a uma transformação” (Tellegen, 1976, p. 9).

Jean afirma que esse foi realmente o primeiro livro que estudaram a respeito do que seria a Gestalt-terapia. Segundo Walter esse livro não favoreceu a abordagem, do ponto de vista de uma teoria e prática coerentes, sendo mais uma obra de práticas demonstrativas ou “*um livro de divulgação, entre milhares de coisas, escolhia-se uma que deu certo e botava ali...*”.

No que se refere aos livros traduzidos, Lilian reitera que “*o primeiro a ser publicado pra minha insatisfação foi o livro do Stevens*”, referindo-se a John Stevens, com a publicação intitulada *Tornar-se presente* (1976). A entrevistada continua: “*minha insatisfação com isso foi que, esse livro tem uma série de exercícios, o que deu uma falsa idéia que a Gestalt-terapia era uma seqüência de exercícios que você fazia com o paciente. Coisa que não é verdade*”.

Esta afirmação reforça que a abordagem gestáltica foi se constituída em torno de uma idéia que a representa como uma abordagem frágil, com pouca fundamentação teórica que pudesse alicerçar suas técnicas, pautada em uma excessiva ênfase nas vivências, e representada por um conjunto de publicações que enfatizavam a prática, em detrimento da reflexão teórica ou filosófica.

Os poucos dados históricos são relevantes, pois têm um reflexo direto na própria constituição da Gestalt-terapia brasileira, em torno de conceptualizações e de interpretações – por vezes enviesadas e errôneas – do espectro da proposição gestáltica. Tal fato pode ser exemplificado através da publicação, no Brasil, do livro de John Stevens, intitulado *Tornar-se Presente* (Stevens, 1988), e originalmente publicado em 1976, onde o autor descreve um conjunto de experimentos utilizados em Gestalt-terapia. Essa publicação – com uma ênfase primordialmente técnica – antecedeu uma série de reflexões teóricas, filosóficas e epistemológicas relacionadas à Gestalt-terapia e concorreu para a delimitação de uma imagem de abordagem “ateórica”, ou frágil, no meio acadêmico da Psicologia brasileira (Holanda & Karwowski, 2004, p. 63).

Como afirma Walter “*são livros que vieram favorecer aquilo que mais tarde Isadore From e Michael Vincent-Miller vieram a denominar como ‘pele vermelhismo’ da Gestalt-terapia*”. O entrevistado refere-se à *Introdução* à edição do *Gestalt Journal* do livro *Gestalt terapia*, de Perls, Hefferline e Goodman, que conta com duas publicações em inglês (1951 e 1969), traduzido para o português no ano de 1997.

Nessa introdução, Isadore From e Michael Vincent-Miller fazem referência a um ensaio do crítico literário Philip Rahv intitulado *Paleface and Redskin* (Cara-pálida e pele-vermelha). De acordo com os autores, “enquanto os peles-vermelhas punham o pé na estrada, anotando suas aventuras ao longo do caminho, os caras-pálidas tendiam a se congregarem nas cidades, onde se utilizavam muito das tradições literárias e intelectuais européias” (From e Vincent-Miller, 1997, p. 18).

Para From e Vincent-Miller (1977), “Rahv estava se referindo a uma falta de integração na literatura americana, mas sua análise também ajuda a explicar uma bifurcação nas nossas escolas de psicologia e psicoterapia” (p. 18).

A respeito dessa bifurcação, afirmam que a Gestalt-terapia americana se encontrava dividida entre a *Costa-Oeste*, os *peles-vermelhas* e a *Costa-Leste*, os “caras-pálidas”. Os primeiros caracterizam-se por uma prevalência, com apoio de Fritz Perls, da ênfase à vivência, e da errônea compreensão do que todo o trabalho deveria ser realizado apenas no aqui-agora. Desse modo, valorou-se por demais o *showman clínico*, o que dominou boa parte do desenvolvimento dessa abordagem. Por outro lado, o segundo grupo primava por um pensamento mais enraizado, visando uma maior fundamentação epistêmica da referida abordagem. Esse grupo era representado sobretudo por Paul Goodman, colaborador de Fritz Perls no livro *Gestalt Terapia*.

Com o olhar voltado para o Brasil, Ari afirma que, “*na verdade, a Gestalt tinha muito a cara da prática – o aqui e agora – e nunca uma preocupação mais sistemática. Eu acho que a preocupação grande começa na própria formação no Sedes, eu acho*”.

O Sedes, em 1977, foi palco do primeiro curso de Gestalt e Reich. Jean afirma que “*era evidente que a mistura dos dois cursos não ia dar certo. Eram as duas abordagens alternativas da época*”. Após essa primeira tentativa de trabalho, o Sedes passou a oferecer o estudo dessas abordagens de forma distinta.

Jean confirma a leitura de Ari Rehfeld, ao relatar a saída de Tessy como o motivo que levou Thérèse a convidar outras pessoas para auxiliá-la, dentre elas, Lílian Frazão, Abel Guedes e a própria Jean Clark, com o intuito de montar um curso de Gestalt independente, com quatro de anos de duração. E continua seu relato: “*Comprometidos e*

receosos que estávamos, tínhamos um grupo de estudo de profissionais mais maduros. Estudávamos na casa da Fanny [Fanny Ligheti], que era nossa colega mais velha. Ela já tinha viajado o mundo inteiro, [...] já tinha estado em Esalen”.

Tessy, a respeito de seu distanciamento, afirma que a Gestalt-terapia “*não tinha uma base de patologia suficiente, eu achava que a gente trabalhava muito bem na sensibilização, mas, se você fosse mais ambiciosa pra fazer um trabalho mais profundo a Gestalt não dava resposta. Aí eu fui pra psicanálise”.*

Tessy colabora, com o início do pensamento crítico a respeito da teoria e prática dessa abordagem. O grupo que permaneceu, visa uma Gestalt-terapia diferente, e articulou-se de diferentes maneiras.

Em 1980, Lillian afirma: “*a gente começou a ouvir uns bochichos que no Rio tinha gestalt-terapeutas, em Brasília, Belo Horizonte, e aí a gente fez a primeira reunião de gestalt-terapeutas no Brasil. Essa reunião foi feita em Boiçucanga”.* Para Walter o encontro em Boiçucanga foi uma tentativa de criação de um *grupo nacional* de Gestalt.

Referindo-se aos participantes, Lillian afirma que estavam presentes “*o Bruno, a Suzana, a Jane, o Silvio, acho que a Gercy [Gercilene Campos], a Jean, a Thérèse, o Décio [Décio Casarin], [...], e nesse meio tempo o Walter tinha conhecido a Maureen Miller”*, que participou desse encontro, a convite de Walter Ribeiro. Lillian declara que “*a Maureen se dizia Gestalt-terapeuta, mas eu francamente acredito que ela foi e continua sendo rogeriana, centrada na pessoa. Nós fizemos três grupos com ela e com uma pessoa que morava em Campinas, [...], se chamava John Wood. Maureen e John coordenavam juntos esse grupo que a gente chamou de desenvolvimento pessoal”.*

O grupo de Boiçucanga, que tinha a proposta de estabelecer um grupo nacional, fracassou em seu propósito. Apesar de o grupo não configurar-se como nacional, as pessoas que dele participaram mantiveram o propósito no sentido de dar continuidade a essa abordagem terapêutica.

Abel ressalta que, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, “*Matilde Neder, que era diretora do curso de especialização da PUC, chama o Paulo e eu pra gente montar um curso de Gestalt na PUC, de especialização”.* Prudentemente, nesse momento “*a gente escolhe, ao invés de ter um curso na PUC e um curso no Sedes, que seriam as mesmas pessoas, a gente opta por fazer o curso no Sedes que aí a Thérèse, Jean”* organizaram.

Foram seis semestres de estudos até que o curso dado no *Sedes* passou a ser curso de formação, dado sistematicamente. Lillian lembra que “*nem todo ano tinha turma nova*

porque nesse início nós éramos quatro e não dávamos conta de ter duas turmas. Um aluno dessa primeira turma que foi o Ari também [...] deu aula para os alunos, ele foi professor dos colegas”.

O curso do *Sedes* foi de grande importância para a Gestalt-terapia, pois passou a adquirir um caráter mais acadêmico. Ari relembra que *“ainda em final de 1979 Thérèse chega pra mim e fala assim: vem na minha sala quero conversar com você... Era uma honra; meio assim, meio assustado, fui à sala dela aí ela abre um livro do Perls e fala: ‘Olha, tá vendo aqui? Aqui Perls está dizendo que abordagem gestáltica que é uma abordagem fenomenológico-existencial. Você vê que, veja que aqui ele fala que é uma abordagem fenomenológico- existencial ponto, e ele muda de assunto, e ele não diz por que não fundamenta, nada disso. Eu concordo com isso! Eu quero de você, que você faça isso que Perls não fez, que você fundamente, porque que a abordagem gestáltica é uma abordagem fenomenológica existencial’. Aí eu fui estudar a Gestalt, eu era aluno!”*

Selma relata que, ao chegar ao *Sedes*, deparou-se com *“colegas que valorizavam a elaboração teórica, a articulação entre teoria e prática, o pensamento crítico”*. Dessa época, Selma destaca o projeto *Seminário*, de Ana Maria Loffredo, que consistia em seminários pequenos, que aconteciam na sala 88 do *Instituto Sedes Sapientiae*, e, *“basicamente, quem ia eram professores e alunos. Eram reuniões entre a gente, não voltadas para a divulgação da Gestalt para o público. E a cada seminário, quem apresentava algo construía em cima das apresentações anteriores, foi um período extremamente fértil. Eu acho que a gente criou uma escola de Gestalt aqui em São Paulo que se espalhou em muitos institutos no Brasil”*.

Lilian ressalta que um novo passo dessa abordagem, em *“meados dos anos 1980, eu diria,[...] a Gestalt-terapia começou a instaurar no âmbito acadêmico, principalmente eu acho, no Rio de Janeiro, Brasília, e em São Paulo através da pós-graduação, [...] de alguns colegas terem feito seus mestrados, seus doutorados”* nessa perspectiva.

Ari aponta que no ano de 1979, aconteceu *“o primeiro curso de Gestalt-terapia do Brasil na universidade, [...] Jean e eu, e por muito tempo não teve nada parecido”*.

A respeito do fortalecimento acadêmico da abordagem, Lílian afirma que *“teve um ano na USP [Universidade de São Paulo] que o maior número de publicações de docente foi meu, sem que eu tivesse doutorado. E eu acho que isso foi abrindo as portas de um reconhecimento, dentro da USP, da Gestalt-terapia”*.

O fortalecimento dessa abordagem deu-se no momento em que, além dos vários estudos e esforços particulares, houve a articulação de grupos para a edificação dessa

teoria. Neste momento, tiveram início eventos nacionais que tinham como tema a Gestalt-terapia. Assim, a articulação de grupos corroborou para a edificação dessa teoria.

A esse respeito, Ari relembra que, no ano de 1987, foi organizado “o Primeiro encontro dos Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro. Organizado pelo grupo do Rio de Janeiro, algumas pessoas de São Paulo se inscreveram no encontro do Rio [...] o Ponciano [Jorge Ponciano Ribeiro] foi lá. [...] Virgínia [Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa], [...] a Thérèse se inscreveu, foram algumas outras pessoas, mas era um encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro, esse era o título, inclusive”.

Lilian ressalta que esse evento, “embora eu não tenha ido, foi assim, uma super surpresa. Porque as pessoas esperavam em torno de 50 participantes, juntando todos os Gestalt-terapeutas do Brasil. E tinha 190 participantes”. Os organizadores foram “Cristina Tsales, Ticha, Terezinha Melo, e outras pessoas”, afirma Lilian. É válido lembrar que, também em 1987, ocorreu a fundação do Centro de Gestalt de São Paulo.

Tendo em vista o sucesso do evento nacional, conforme Lilian, aconteceu em 1989, em Caxambu -MG “o segundo encontro nacional. [...] Organizamos o segundo encontro, Jean, Ari e eu, com uma equipe de apoio muito legal que estavam o Luiz Lilienthal, a Cecília Souto, a Suzana de Meireles, Otavio Dutra de Toledo, uma equipe bacana de apoio”.

Lilian afirma ainda que, com a surpresa de terem “190 no Rio, nós esperávamos 300. Vieram 476 pessoas. No segundo encontro [...] baixou um ônibus de Goiânia, porque o Ari já havia estado em Goiânia. [...] Sérgio Buarque também estava no segundo encontro”.

A respeito desse evento, Ari ressalta algumas peculiaridades. A comissão organizadora, havia sido escolhida “por um motivo político, quem organizou o segundo encontro foi a Jean [Clark Juliano], a Lilian [Meyer Frazão] e eu, em Caxambu. A gente tinha uma preocupação muito grande de conferir uma identidade nacional à Gestalt-terapia. Por isso, nós escolhemos Caxambu, que é Minas e não São Paulo, porque São Paulo era visto, ‘Oh! São Paulo, centralizador’, [...] foi organizado por São Paulo, mas acontece em Minas. O motivo de Caxambu, principal, além do local que era um local agradável, etc., porque no Rio a gente viu o seguinte: a coisa acontecia no Rio, mas todo mundo ‘morou’ ou na casa de amigos ou em hotéis, então não tinha essa coisa de convivência. Em Caxambu, todo mundo no mesmo hotel. Um hotel grandão, então a gente queria, e conseguiu muita vivência junta, conjunta. A gente colocou Minas pra não ficar tão configurado São Paulo. Caxambu, mas isso nem adiantou muito, porque todo mundo leu como sendo de São Paulo”.

Outro fato interessante apontado por Ari *“foi o título que nós demos pra aquele encontro foi ‘Segundo Encontro Nacional’. Não tinha tido um primeiro, mas nós demos ‘segundo’ pra configurar como sendo o primeiro o Rio, mas no Rio na verdade foi encontro de Gestalt Terapeutas do Rio de Janeiro”*.

Abel ressalta a existência, em São Paulo, de *“um racha político [...], foi a primeira grande crise da Gestalt em São Paulo”*. Ele continua: *“a gente montou um centro, o Centro de Estudos Gestalt de São Paulo, é uma coisa que vai funcionando paralelo ao curso do Sedes e que também éramos nós que fazíamos isso. Com alguns alunos fazendo parte, aí era, Mauro [Mauro Figueroa], Ronaldo [Ronaldo Miranda Barbosa], Ana Loffredo, Sérgio Zlotnic, Vera Cunha..., [...] e quando acontece o congresso do Rio, a gente leva o congresso pra São Paulo. Uma parte entende que o congresso era do Centro e a outra parte entende que o congresso era de quem fizesse, ocupasse a coordenação geral, e como eles entendem isso, então racha na hora de..., da apresentação da coisa e isso resultou em uma briga entre nós e resultou em alguns anos sem que nós nos falássemos, eu fiquei numa banda e eles ficaram em outra [...] o Paulo não participa disso”*. Afirma ainda que esse problema se *“resolve, mas, com sacrifício do Centro de Estudos de São Paulo que foi um dos primeiros a ser montado, mas que acaba morrendo por essa incompetência nossa em administrar nossos conflitos, [...] de uma certa maneira um custo muito alto para todos”*.

O evento de Caxambu serviu de catalisador para uma maior organização dos gestalt-terapeutas. Desde então, ocorrem *encontros nacionais* a cada dois anos. O de Brasília, em 1991, foi organizado por Walter Ribeiro. Lilian fazendo uma retrospectiva lembra que *“daí o encontro foi pra Brasília, organizado pelo grupo do Walter, que convidou o Hycner pra ir pra Brasília. De Brasília o evento foi pra Vitória, de Vitória pra Florianópolis, de Florianópolis pra Goiânia... Fortaleza... Gramado”*, no ano de 2007, voltou a ser realizado no Rio de Janeiro.

Todos esses eventos corroboraram para que a Gestalt-terapia tivesse condição de ser efetivamente percebida em âmbito nacional. Jorge afirma: *“eu vejo que a Gestalt hoje, no Brasil, ela está muito acadêmica [...] ela está sendo ensinada em muitas Universidades do Brasil [...]. Então eu acho que o que está acontecendo é, a Gestalt-terapia, tem adquirido visibilidade [...] entrando nas Universidades, produzindo livros, teses de mestrado e doutorado, então eu acho que o campo para Gestalt agora, ele está extremamente fecundo, porque existe realmente bom número de gestaltistas no Brasil que estão publicando e isso tem facilitado, nos três, quatro últimos anos uma maior expansão da Gestalt-terapia através da literatura, muito especializada”*.

Selma declara: *“acho que a Gestalt aqui no Brasil está passando por evoluções importantes.[...] Está numa fase mais madura, com uma produção própria, cada vez mais participando da comunidade latina e internacional de Gestalt em congressos e publicações com contribuições valiosas que têm angariado reconhecimento de colegas daqui e de outros países”*.

Walter comenta que, na atualidade, algumas produções são importantes para a proposta de sedimentar o conhecimento, porém há muito a ser feito, pois *“criar é um negócio complicado, o buraco é mais embaixo”*. É uma tarefa árdua, mas não impossível, pois, como afirma, *“a Gestalt-terapia no Brasil ela está me animando, eu tenho visto, gente boa, é, está aparecendo gente boa. Eu acho que está faltando um pouco de comunicação pra saber o que se faz. Tá faltando comunicação, pra sabermos o que estamos fazendo”*.

Jorge ressalta que *“nós temos trabalhado muito em cima das filosofias de base. Humanismo, existencialismo, sobretudo fenomenologia, e eu acho que estamos modestos ainda no que diz respeito às teorias de base, sobretudo os recursos que elas podem nos dar. [...] A Gestalt-terapia tem que ser mais estudada”*. Para ele *“é como se nós estivéssemos, estamos longe ainda de ter uma literatura suficiente nessa área, mas as filosofias de base hoje estão mais contempladas do que as teorias de base, [...] sendo que a alma da Gestalt-terapia é a teoria do campo. Eu acho que aí faltam muitos trabalhos sobre a teoria do campo”*.

A esse respeito Abel expõe sua preocupação: *“eu entendo que a Gestalt, e aí me parece que não só a brasileira, entra num pequeno período que eu chamo de período negro de teorização exacerbada [...] nós precisamos pular para a teorização, deixar um exercício, pra poder suportar a angústia, e aí tem muito desvio, tem muita busca, tem muita procura fora, e muito enxerto indevido. Tem coisas forçadas, tem coisas que são enxertadas, e entra em um período que eu entendo como de excessiva tolerância, então cabe tudo...”*.

Ari afirma que, mesmo estando um pouco afastado do movimento gestáltico, reitera sua preocupação no tocante à quantidade, qualidade e vieses, que por vezes perpassam a construção epistêmica da Gestalt-terapia. Nesse sentido, assinala que a *“Gestalt-terapia corre um risco muito grande de desaparecer a médio e longo prazo”*, visto que essa abordagem, segundo ele, *“tem um problema sério de identidade e que ninguém efetivamente se debruça sobre essa questão e tenta resolver”*. Desse modo, acaba, cada um fazendo o que denomina *Gestalt-e* e aponta esse e como um *“um problema*

sério de identidade, cada um fala outra linguagem, todo mundo põe o mesmo título e na verdade são práticas muito distintas, e a tendência é polarizar, cada vez se fragmentar mais ainda”.

Ainda na linha de uma maior fundamentação epistemológica, Jean não se exime de criticar algumas apropriações da Gestalt moderna, na mesma direção de Petrúška Clarkson (1993), que faz uma análise do movimento humanista americano e das diversas associações entre a Gestalt e outras técnicas, chamadas pela autora de *gestalt-and*. Nesse sentido, questiona as correlações entre, por exemplo, a Gestalt e certos modelos de psicanálise, citando autores como Hycner, Jacobs e outros. A posição de Jean corrobora algumas críticas de autores que apontam a mesma preocupação, qual seja, a simples apropriação de teorias – por vezes em dissonância com a visão de homem da Gestalt – sem uma suficiente reflexão acerca dessa aproximação. Propõe, esses mesmos autores, retornar às “teorias de base” da Gestalt como forma de suprir essas deficiências (Karwowski, 2002, 2005; Holanda & Karwowski, 2004; Holanda e Faria, 2005).

Selma comenta que *“aqui no Brasil, a gente tem um entroncamento muito interessante de tendências. [...] Os primeiros contatos da Thérèse, por exemplo, já foram por um lado com a Gestalt européia e por outro com a Gestalt dos Polsters, profissionais respeitados por todas as tendências nos EUA”*. E continua dizendo que *“aqui no Brasil a gente teve muito contato com essa escola. Não era uma linha só acadêmica, mas a linha de experimento, do fazer, da criatividade. Por outro lado, devido a nossa formação, eu acho que a gente tem uma formação básica que tem mais a ver com a mentalidade européia, porque a educação brasileira foi muito pautada nas escolas francesas. [...] Então eu acho que nós temos uma influência muito grande da cultura francesa, dos filósofos franceses”*. Para a entrevistada ocorre *“aqui no Brasil, a busca da fundamentação teórica, da fundamentação filosófica”*. Além do mais, *“quem começou o movimento de Gestalt aqui foram a Tessa e a Thérèse, duas holandesas, pessoas com formação européia. Pessoas que por natureza tinham a busca de uma fundamentação teórica maior. Não eram pessoas pragmáticas, como nos EUA. [...] Então eu acho que aqui a gente sempre teve um feliz casamento entre, a busca de uma fundamentação teórica por um lado e ao mesmo tempo o exercício, a valorização do experimento, da experimentação, a valorização do vivido por outro”*.

Essa imagem de um feliz casamento entre teoria e prática parece estar, a cada dia que passa, ficando mais evidente. Como aponta Jorge, *“a Gestalt brasileira, ela está saindo de uma concepção norte-americana de Gestalt-terapia, para uma concepção da*

teoria de base aplicada a diversas necessidades do povo brasileiro e da psicoterapia gestáltica. [...] Estamos superando e transcendendo a Gestalt européia e norte-americana [...], há um aproveitamento das teorias de base da Gestalt-terapia e isso faz com que isso seja um diferencial da abordagem gestáltica brasileira. [...] Essa é uma das riquezas da Gestalt-terapia do Brasil”. Ressalta ainda que a Gestalt-terapia “precisa caminhar para uma visão política de mundo, no seguinte sentido: quais são as necessidades da população brasileira hoje [...]. Então eu acho que esse é um caminho que a Gestalt tem que seguir no Brasil, [...] abrir o olho para a perspectiva social, para as necessidades do país, as principais necessidades do país, e, tentar dar respostas adequadas dentro disso aí”.

Na mesma direção apontada por Jorge, Selma afirma que, a seu ver, a Gestalt-terapia “*está, por exemplo, pelo menos aqui no Brasil, desenvolvendo mais sua inserção no trabalho social e comunitário, estabelecendo interlocuções com outros saberes [título de uma das temáticas do último congresso nacional], etc”.*

Nesse mesmo sentido, Lílian salienta que “*a Gestalt-terapia brasileira está aparecendo com muita propriedade no cenário internacional. As pessoas ficam encantadas com o nível de inquietação e o tipo de produção científica que a gente tem tido. Outra coisa é a ampliação de áreas de atuação da Gestalt-terapia, hospitalar, infantil que não é tão novo. Ressalta ainda os trabalhos com “casal, instituições, trabalhos em Febem [...], enfim, acho que aquilo com o que sonhei nos anos 1970, uma abordagem psicoterapêutica que pudesse atingir um número maior de pessoas de formas diferentes começa a se concretizar de um jeito muito bacana. Vejo muito trabalho nessa linha no Rio, no Nordeste, em Goiânia, então acho que a Gestalt-terapia caminha nessa direção”.*

A vertente *social e comunitária* da Gestalt brasileira pode ser identificada em diversos trabalhos, tanto os de caráter prático e assistencial, como os desenvolvidos pelas diversas clínicas sociais atreladas aos cursos de formação e especialização em Gestalt no país, como os diversos relatos descritos em artigos. Pode-se exemplificar esse importante desenvolvimento da Gestalt brasileira com o trabalho escrito por Claudia Lins Cardoso, Aline Mayrink e Giovana Luczinik. Elas oferecem atendimento clínico a comunidades menos favorecidas, como descrevem no artigo *O psicólogo na comunidade: desafios e possibilidades* (Cardoso, Mayrink e Luczinski 2006).

Outro trabalho de grande relevância é o de Terezinha Mello da Silveira, que propõe a inserção do psicólogo gestaltista nas instituições hospitalares. A autora apresenta essa perspectiva em um artigo intitulado *O Gestalt-terapeuta na instituição hospitalar* (Silveira, 2006). Outro exemplo de aplicação da Gestalt ao contexto da saúde pública

encontra-se no artigo *A inserção do psicólogo no programa saúde da família* (Cardoso, 2002).

Numa perspectiva de atenção mais objetiva ao contexto comunitário, em Brasília há o projeto desenvolvido no Instituto de Gestalt-terapia de Brasília (IGTB), sob a coordenação de Nayla Celene Moreira Reis, e que consiste num trabalho de atendimento, a partir do seu Núcleo de Pesquisa e Inserção Social na Abordagem Gestáltica (NPISAG). Este projeto identificou na comunidade DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), localizada em Sobradinho-DF, a possibilidade de desenvolver uma ação dentro da abordagem gestáltica, a partir de ações isoladas, já iniciadas pela própria comunidade. Esse trabalho está voltado para o atendimento individual ou em grupo, e visam resgatar o sentido de identidade que, de algum modo, as pessoas daquela comunidade perderam. Esse trabalho traz “uma visão teórico-prática da Abordagem Gestáltica por meio de uma reflexão que, envolvendo psicologia, humanismo e fenomenologia, mostra a Gestalt-terapia refletindo – como ciência, técnica e arte – a junção entre humanismo, psicologia e o método fenomenológico com auxílio do pensar e do fazer psicoterapêutico” (Ribeiro 2006).

No XI Encontro Nacional e VIII Congresso Nacional de Gestalt-terapia, ocorrido no ano de 2007 na cidade do Rio de Janeiro, com o tema *A evolução da Gestalt terapia brasileira. Vinte anos de encontros. E agora?*, pôde-se perceber um número grande de propostas de trabalho que se referem à Gestalt-terapia fora dos consultórios. Há por exemplo, trabalhos sobre terapia comunitária com base na perspectiva gestáltica, sobre a atuação do Gestalt-terapeuta na psicologia desportiva a abordagem gestáltica e as novas perspectivas em educação, Gestalt-terapia e o trabalho em atenção psicossocial, bem como a abordagem gestáltica no trabalho em psicologia hospitalar.

Percebe-se assim a preocupação, atual, no seio dessa abordagem, contemplar, em suas ações e publicações, a questão social. Os fundamentos teóricos possibilitam, não apenas o desenvolvimento intelectual, como também da a prática terapêutica bem como ações no âmbito social.

Mesmo que em fase embrionária, esses projetos e realizações concretizam, de alguma maneira, mais uma fase de conquista da Gestalt-terapia.

Desse modo, pode-se considerar como salutar o desenvolvimento social da Gestalt-terapia, visto que contempla a visão de todo, já contida na base teórica dessa abordagem, como propõe Jorge: “*a alma da Gestalt-terapia é a teoria do campo*”.

Caminhar nessa direção significa contemplar não apenas as teorias de base de modo intelectual, como também corroborando o que Bateson (1999) propõe como ecologia

humana. Nesse sentido, atenta-se que a unidade de sobrevivência é o organismo e o seu meio. O autor ressalta em seu texto: “estamos aprendendo da forma mais cruel que o organismo que destrói seu meio está destruindo a si mesmo” (Bateson, 1999. p. 491).

Bateson (1999), de acordo com essa perspectiva ressalta que “o mundo natural a nossa volta tem realmente esse sistema estrutural geral que é uma metáfora apropriada o que possibilita, ao homem, compreender a si mesmo em suas organizações sociais” (p. 492).

Ao apontar para uma perspectiva de organização social, pode-se reiterar o que fora afirmado pelos entrevistados. Além de citarem para a questão comunitária, e a preocupação com a identidade da Gestalt-terapia, destacam um outro desafio: o caráter político.

Jorge, em sua entrevista, assinala a necessidade da “*criação da sociedade brasileira de Gestalt-terapia. É! Falando assim de uma maneira assim, meio brincalhona, a Gestalt precisa ter um dono! Um dono feito por dezenas de pessoas, por milhares de pessoas, isso só ocorrerá quando nós tivermos uma sociedade [...] nós estamos num mundo globalizado, e num mundo globalizado não tem mais sentido, cada um fazer a sua Gestalt e nós não termos diante dos órgãos públicos desse país, uma organização que nos represente*”.

Walter, também nesse sentido, declara: “*acho que está faltando um pouco de comunicação pra saber o que se faz. Tá faltando comunicação, pra sabermos o que estamos fazendo*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo historiográfico nos proporcionou um panorama dinâmico da construção da Gestalt-terapia brasileira, além de apontar para aspectos significativos da sua atualidade. O fato de estarem presentes os aqui denominados “primeiros atores” – no eixo São Paulo-Brasília – corroborou com a possibilidade de acessarmos, de forma ímpar, as vivências, experiências e expectativas futuras em relação à abordagem.

As entrevistas, pautadas em uma perspectiva historiográfica fenomenológica, forneceram material essencial para que pudéssemos estar em contato com os fatos tais como foram experienciados por cada um de nossos entrevistados. Desse modo pudemos trabalhar na reconstrução histórica e factual do passado dessa abordagem.

Mais do que a reconstrução de fatos históricos, pudemos acessar o desenvolvimento bem como os caminhos percorridos por essa abordagem, desde seus primeiros passos, o que nos forneceu material importante para conceber a realidade atual dessa abordagem.

Nossos entrevistados, a partir de suas declarações nos colocam em contato com expectativas e opiniões, particulares, a respeito do caminho futuro que a abordagem deve seguir.

Durante o trabalho desenvolvido, ressalta-se a ênfase conferida pelos aqui denominados “primeiros atores”, ao trabalho clínico que desenvolveram dentro dessa abordagem. A Gestalt-terapia, como o próprio nome diz, mostra-se bem sedimentada no âmbito da prática em consultório.

Dessa ênfase na clínica destaca-se o fato da formação inicial dos entrevistados ter-se dado em abordagens diversas, posteriormente voltando sua atenção para a Gestalt-terapia onde a formação teve como caráter predominante a prática. Desse modo tiveram como ponto central de trabalho, a formação e o desenvolvimento das habilidades pessoais. Tal fato aponta para aproximações importantes que a Gestalt-terapia brasileira teve com outras abordagens, destacadamente as abordagens corporais – como a bioenergética ou a reichiana – e a Abordagem Centrada na Pessoa.

Tal perspectiva de trabalho pode ser acompanhada nos relatos de nossos entrevistados, bem como se atentarmos ao fato de que os “primeiros atores” tiveram forte influência de formadores que faziam parte do *staff* de Rogers, na época desenvolvendo a Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil. Isto nos coloca diante do fato desses “primeiros

atores” estarem sendo treinados de modo a focar o desenvolvimento de um trabalho de cunho pessoal e subjetivo, em um processo onde a interação era dual, focada na perspectiva de um indivíduo, mesmo quando em grupo. Corroborando com os relatos que apontam para uma vivência subjetivada nos primórdios dessa abordagem, desde o período da repressão militar, isto pode explicar a tardia abertura dessa abordagem para os trabalhos de cunho social e comunitário, como observamos na atualidade, mesmo tendo em seus fundamentos epistemológicos conteúdos significativos que poderiam dirigir a abordagem gestáltica nesse sentido.

Nessa perspectiva terapêutica, a ênfase sempre recaiu sobre a prática – com pouca atenção para seus elementos teóricos – visando o desenvolvimento das habilidades pessoais e terapêuticas, como pudemos ver na fala de nossa entrevistada Lílian quando afirma que a única coisa que sabiam de teoria estavam escritas em uma lousa quando participou de um workshop com Silvia Peters. Esta ênfase “técnica” serviu para reforçar a imagem de uma abordagem pouco fundamentada e carente de desenvolvimento epistemológico, além de construir uma perspectiva preliminar que valorizava o desenvolvimento pessoal, em detrimento de uma abordagem mais ampla.

Uma das justificativas para o estabelecimento dessa imagem vem de um primeiro aporte “vivencial” e “técnico” dessa abordagem no Brasil, derivada da tradução do livro “*Tornar-se Presente*”, de John Stevens, como apontam alguns dos depoentes e a própria literatura. Todavia, observamos nesse trabalho que, tanto a imagem disseminada pelo próprio Fritz Perls nos Estados Unidos, quanto a apropriação dessa abordagem da parte de profissionais brasileiros, se deu numa dimensão iminentemente técnica, ou seja, visando mudanças objetivas no contexto terapêutico, como podemos destacar da fala de nossos “primeiros atores”, quando apontam para nomes como Roberto Freire e Ângelo Gaiarsa, que tomam as experimentações gestaltistas como instrumentos de desenvolvimento humano, sem contudo, haver uma reflexão rigorosa com respeito aos seus fundamentos.

Desde então, o que se percebe é uma movimentação por parte dessa primeira turma de Gestalt-terapeutas, no sentido de buscar novas informações e contribuições, mesmo fora do país, visando complementar o aprendizado. Temos em nossas entrevistas um dado importante afirmado por Jorge Ponciano Ribeiro e Lílian Meyer Frazão que é a ressalva que fazem ao fato de não prestarmos homenagem a uma figura importante que foi Vera Felicidade, autora baiana que já nos anos 1970 publica um livro chamado *Psicoterapia Gestaltista – Conceituações*, que foi lançado no ano de 1972, mesma época em que Thérèse Telegen publica seu primeiro artigo no *Boletim de Psicologia*.

Ainda no âmbito das publicações temos por parte de alguns entrevistados, o resgate de um nome importante para a Gestalt-terapia que parecia estar um pouco esquecido, que é o de Paulo Barros. Recuperar e ressaltar a importância de Paulo para o início dessa abordagem, chegando ao ponto de igualá-lo em relevância à Thérèse Telegen, é um dos destaques de nosso trabalho, visto ter sido Paulo o responsável pela tradução e publicação de boa parte da primeira produção em Gestalt-terapia no país. É nesse momento que a abordagem toma mais força, não apenas como prática, mas também passa a ser conhecida academicamente.

É certo que os primeiros livros traduzidos, como vimos nas entrevistas, não agradam a todos, visto terem sido traduções de produções advindas dos Estados Unidos, e que refletem a compreensão que tinham do que vinha a ser a Gestalt-terapia à sua época. É a partir dessas publicações e inclusive das insatisfações em relação a estes textos tão impregnados apenas do que se denomina a técnica da Gestalt-terapia, que tivemos espaço para a movimentação dos grupos de estudos, como afirmaram nossos entrevistados como Abel, Ari, Jorge, Jean, LÍlian, Walter e Selma, onde pôde-se fomentar a possibilidade do estudo das novidades que apreendiam a cada dia, em seus grupos de reflexão.

O que pudemos observar é que muito se estudou e se refletiu a respeito da Gestalt enquanto terapia. É certo que sempre se estudou e tentou-se aprofundar a respeito do substrato teórico e filosófico dessa abordagem, porém, é reconhecido nas entrevistas, quantas lacunas ainda temos, ou quão fértil e inexplorado é esse caminho. Tal aspecto pode ser percebido na fala de Walter quando ressalta o fato de estar “enrolado” com o livro *Gestalt Therapy*, onde ainda lembra “*criar é algo complicado, o buraco é mais embaixo*”. Ainda a esse respeito temos o relato de Jorge que, sob sua ótica, longe de termos literatura suficiente, temos a filosofia de base sendo bem mais contemplada que os estudos a respeito das teorias de base, como a Teoria de Campo. Ari nos mostra também sua preocupação quando aponta para uma Gestalt que, ao seu ver, se encontra sem uma identidade, visto que os estudos são diversos, porém em diversas direções o que pode fragmentá-la.

Não podemos deixar de destacar igualmente a figura de Madre Cristina Sodré, como uma das responsáveis pela construção de condições para o desenvolvimento da Gestalt-terapia como uma abordagem autônoma, graças a seu empenho, confiança e incentivo. O destaque ao nome de Madre Cristina faz com que percebamos a construção da abordagem gestáltica brasileira de um modo transcendente a um grupo específico, apontando para um desenvolvimento com a participação de múltiplos atores.

Dessa forma é importante ressaltar o papel singular que todos têm para a consolidação da abordagem gestáltica para além de sua característica de vanguarda na prática clínica, de modo a contribuir para o vislumbre de novos horizontes condizentes tanto ao fundamento epistêmico, quanto à prática dessa teoria.

Muito fora feito por essa abordagem, como se pode perceber nos relatos de nossos entrevistados, mas vale ressaltar a proposta de um esforço concentrado no sentido de um trabalho veemente de modo a aprofundarmos os estudos das teorias de base, sem que seja deixada de lado a perspectiva prática dessa abordagem, que lhe é própria.

Desejosos em apreciar uma compreensão ampliada da Gestalt-terapia, temos a proposta de integração entre teoria e prática, o que nos coloca diante não apenas da perspectiva clínica dessa abordagem, mas nos permite transitar entre as diversas formas de aplicação dessa teoria.

Esta abordagem que, constituída a partir das importantes contribuições dos vários pensadores e práticos, outrora denominados de “peles-vermelhas” e “cara-pálidas”, carece neste momento de uma organização diferente da que apresenta atualmente. Walter em sua entrevista, aponta para a falta de comunicação existente entre os mesmos, o que dificulta e segura o desenvolvimento dessa abordagem.

Seguindo nessa perspectiva, Jorge Ponciano Ribeiro nos coloca diante da necessidade da organização de um núcleo que possa pensar a Abordagem Gestáltica como um todo, mesmo que por meio de uma sociedade ou associação da nossa abordagem. Seria esta uma proposta de ampliação, imbuídos em uma organização maior dessa abordagem e apoiados em uma visão ampliada tanto no âmbito social quanto no âmbito político.

Desde muito, como propõe Alvim (2007b) a Gestalt-terapia “tem um ideal social e comunitário, desenvolvido tanto por influência dos ares bauhausianos quanto por influência de Paul Goodman” (p. 19). Essa preocupação com os âmbitos sociais e políticos pode ser vista no bojo teórico dessa abordagem e se torna elemento importante a ser resgatado nesse momento, segundo apontamento de nossos entrevistados.

A saber, pode-se perceber um apontamento para a questão, da fundamentação epistemológico-crítica, isto, pois, acredita-se ser esse o caminho para uma maior cientificidade dessa abordagem, tanto no campo epistemológico, quanto no embasamento da prática clínica.

Não seria esse o momento de apontarmos a uma dimensão complementar dessa comunidade no sentido de sermos nós os “caras-pintadas” dessa abordagem?, no sentido de um engajamento político dessa abordagem – aqui entendido o “político” como tudo o que

se refere ao homem e a *polis*, sendo, portanto, relativo ao social e ao comunitário. Neste sentido podemos perceber o apontamento para a necessidade de ações presentes, para além das quatro paredes, que garantam o futuro dessa abordagem.

Neste momento temos, a partir das entrevistas, um duplo papel que é, ao mesmo tempo, complementar. De um lado focar a epistemologia da Gestalt-terapia, resgatando-a, de outro colocar em prática aquilo que outrora fora proposto nas teorias de base, a aplicação sócio-política dessa abordagem – para além de uma perspectiva estritamente clínica e psicoterapêutica, como era a Gestalt-terapia – na direção de uma verdadeira “abordagem” gestáltica.

Por fim, a proposta desse trabalho foi ir além dos “marcos” históricos, como normalmente encaramos a nossa história. A abordagem gestáltica não prescinde desses marcos como o são anos como 1972 – primeira publicação – ou 1985, quando temos o primeiro livro de epistemologia; ou mesmo aquele rol de datas que nos apontam para momentos importantes, como o primeiro *workshop* em 1973; o primeiro curso oficial em 1976; o primeiro encontro de gestaltistas em 1987, no Rio; ou o “primeiro” ou “segundo” evento nacional em 1989 (dependendo da ótica pela qual se analise esse momento).

Todavia, observa-se que – mesmo com datas e marcos – a construção da Gestalt-terapia brasileira tem que ser vista sob um prisma muito mais dinâmico do que o da maioria das demais abordagens. Além disso, guarda especificidades com a comunidade brasileira, como a estreita ligação com a filosofia fenomenológica.

Apesar de não ter tido acesso a importantes depoimentos, como os de personagens do Rio de Janeiro e do Nordeste do Brasil, esperamos haver apontado para caminhos que possam ainda ser trilhados, dentre eles a necessidade de destacar a significativa e singular contribuição de gestaltistas brasileiros no incremento das bases históricas dessa abordagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvim, M. B. (2007a). Ato artístico e ato psicoterápico como experimentação: diálogos entre a fenomenologia de Merleau-Ponty, a arte de Lygia Clark e a Gestalt-terapia. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Alvim, M. B. (2007b). O fundo estético da Gestalt-terapia, *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13 (1), 13-24.
- Andrade, C. C. (2007). *O olhar do cliente sobre o processo psicoterápico: um estudo fenomenológico na Gestalt-terapia*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Antunes, M. A. M. (1999). *A psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Unimarco.
- Arantagy, L. R. (2006). Prefácio: as voltas de tantas coisas. In B. Paulo (ed.) *Amor e ética* (pp. 7-8). São Paulo: Summus
- Baptista, M. T. (2001). *Madre Cristina*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bartz, S. S. (1997). Plantão psicológico: atendimento criativo à demanda de emergência, *Interações*, São Paulo, 2 (3), 21-34.
- Bateson, G. (1999). *Steps to an ecology of mind*. Illinois: Chicago Press.
- Bock, A. M. B. & Jacó-Vilela, A. (2001). Apresentação: resgate histórico como método para a construção da psicologia. In M. T. Baptista (ed.) *Madre Cristina* (pp. 9-11). Rio de Janeiro: Imago.
- Brožek, J. & Massimi, M. (1998) (orgs.). *Historiografia da psicologia moderna*. Versão brasileira, São Paulo: Edições Loyola/Unimarco.

- Brožek, J. & Massimi, M. (ed.). (2001). *Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: apontamentos para um curso breve*. *Memorandum*, 1, 72-78. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/brozek01.htm>. Acesso em 5 de maio. 2007.
- Brožek, J. & Massimi, M. (ed.). (2002a). *Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: Apontamentos para um Curso Breve – parte segunda: Da descrição à interpretação*. *Memorandum*, 2, 103-109. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/brozek02.htm>. Acesso em 5 de maio 2007.
- Brožek, J. & Massimi, M. (2002b). *Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve – parte terceira*. *Memorandum*, 3, 112-131. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/brozek04.htm>. Acesso em 25 out. 2007.
- Cambaúva, L. G., Silva, L. C. & Ferreira, W. (1998). Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online], 3 (2) 207-227. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 17 out. 2007.
- Campos, L. F. L. (2000). *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. Campinas: Alínea Editora.
- Cardoso, C. L. (2002). A inserção do psicólogo no Programa Saúde da Família. *Psicologia, Ciência e Profissão* [online]. 22 (1), 2-9. Disponível: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2007.
- Cardoso, C. L., Mayrink, A. R. & Luczinki, G. F. (2006). O psicólogo clínico na comunidade: desafios e possibilidades, *Revista da Abordagem Gestáltica*, 12 (2), 13-26, jul.-dez.
- Carvalho, M. A. B. (2005). *Análise de um caso à luz da teoria do ajustamento criativo da Gestalt-terapia: fenomenologia da experiência religiosa*. Dissertação de Mestrado

em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

- Chagas, E. (2003). A letter from Brazil. *International Gestalt Journal*, 26 (2), 111-117.
- Ciornai, S. (1991a). Gestalt-terapia hoje: resgate e expansão. *Revista de Gestalt*, 1, 9-25.
- Ciornai, S. (1991b). Em que acreditamos? *Gestalt Terapia Jornal*, 1, 30-39.
- Ciornai, S. (1996). Considerando saudades: Gestalt Terapia de antes, de hoje e de amanhã. *Boletim de Gestalt-terapia do Triângulo Mineiro*, 1 (2), 9-17.
- Ciornai, S. (1998). Gestalt-Therapy in Brazil, *Gestalt Review*, 2 (2), 108-119. Disponível: <http://www.g-gej.org/3-3/brazil.html>. Acesso em 10 out 2007.
- Clarkson, P. (1993). 2,500 years of Gestalt: from Heraclitus to the Big Bang, *The British Gestalt Journal*, 2, 4-9.
- Coimbra, C. M. B. (1992). *Gerentes da ordem: algumas práticas "psi" nos anos 70 no Brasil*, Tese de Doutorado em Psicologia, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Crema, R. (1985). *Análise transaccional centrada na pessoa... E mais além*, São Paulo: Ágora.
- Diehl, A. A. (2006). Teoria historiográfica: diálogo entre tradição e inovação. *Revista Varia História*, 22 (36), 368-394. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jan 2008.
- Frazão, L. M. (2006). Thérèse Amelie Telegen (1927-1988). *Revista da Abordagem Gestáltica* 12 (2), 177-182, jul.-dez.
- From, E. & Vincent-Miler, M. (1997). Introdução à edição do The Gestalt Journal. In F. Perls, R. Hefferline, P. Goodman (ed.) *Gestalt Terapia* (pp. 15-29). São Paulo: Summus.

- Gaines, J. (1989). *Fritz Perls aquí y ahora*. Santiago: Cuatro Vientos Editorial.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Org.). *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Gomes, P. W. (2001). *Gestalt-terapia – Herança em re-vista*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP* [online], 8 (2), 305-336. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2006.
- Gomes, W. B., Holanda, A. F. & Gauer, G. (2004a). Primórdios da psicologia humanista no Brasil, In Marina Massimi (org.). *História da Psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 87-104). São Paulo: EPU.
- Gomes, W. B., Holanda, A. F. & Gauer, G. (2004b). História das abordagens humanistas em psicologia no Brasil, In Marina Massimi (org.). *História da Psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 105-130). São Paulo: EPU.
- Holanda, A. F. & Faria, N. J. (2005) (Orgs). *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. *Psicologia Ciência e Profissão*. [online]. 24 (2), 60-71. Disponível: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200008&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 8 out. 2007.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia, In Adriano F. Holanda & Nilton Julio de Faria (orgs). *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (pp. 21-53), Campinas: Livro Pleno.

- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*. [online]. 24 (3), 363-372. Disponível: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 8 out. 2007.
- Jacó-Vilela, A. M., Cerezzo, A. C. & Rodrigues, H. B. C. (orgs.) (2001), *Clio-psyché hoje. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Juliano, J. C. (1999). *A arte de restaurar histórias. O diálogo criativo no caminho pessoal*. São Paulo: Summus Editorial.
- Juliano, J. C. (2004). Gestalt-terapia: revisitando nossas histórias. *IGT na Rede*, 1 (1). Disponível: <http://ojs.igt.psc.br/viewarticle.php?id=33&layout=html>. Acesso em: 5 ago.2007.
- Karwowski, S. L. (2002). *O método fenomenológico na Gestalt-terapia segundo formadores de Gestalt-terapeutas*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Karwowski, S. L. (2005). *Gestalt-terapia e método fenomenológico*, Campinas: Livro Pleno.
- Kiyan, A. M. M. (1998). *Dentro e fora da lata do lixo: uma análise gestáltica das articulações entre vida e obra de Frederick Perls*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo.
- Kiyan, A. M. M. (2001). *E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls*, São Paulo: Editora Altana.
- Lilienthal, L. (1998). Gestalt – expandindo fronteiras ou em busca das respostas perdidas, *Revista de Gestalt*, 7. Disponível: <http://www.gestaltsp.com.br/textos/em%20busca%20das%20respostas%20perdidas.htm>. Acesso em: 5 dez. 07.

- Lilienthal, L. Fernandes, M. B. & Ciornai, S. (2001). Os 50 anos de Gestalt-terapia. *Revista Insight*, 11 (124), Dez. Disponível: <http://www.gestaltsp.com.br/textos/os%2050%20anos%20da%20gt.htm>. Acesso: 5 abr. 2007.
- Lima, P. V. A. (1997). *Repensando o campo teórico da Gestalt-terapia*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mahfoud, M. (1999) (org.). *Plantão psicológico: novos horizontes*, São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mancebo, D. (2004). História e psicologia: um encontro necessário e suas “armadilhas”, *In* Marina Massimi & Maria do Carmo do Guedes (orgs.). *História da psicologia no Brasil. Novos Estudos* (pp. 11-26). São Paulo: Educ/Cortez Editora.
- Massimi, M. & Campos, R. H. F. (2004). Josef Brožek: história e memória (1913-2004). *Memorandum*, 6, 128-131. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/nota01.htm>. Acesso em: 11 jun. 2007.
- Massimi, M. & Guedes, M. C. (2004) (orgs.). *História da psicologia no Brasil. Novos Estudos*, São Paulo: Educ/Cortez Editora.
- Massimi, M. (2004) (org.). *História da psicologia no Brasil do século XX*, São Paulo: EPU.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes, São Paulo.
- Miller, M. V. (1995). Introdução à Gestalt-terapia explicada (Gestalt-therapy verbatim). *Revista de Gestalt*, 4, São Paulo.
- Morato, H. T. P. (1999). (org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. Novos desafios*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, A. L. (2007). *Transtornos alimentares na visão de meninas adolescentes de Florianópolis: uma abordagem fenomenológica*. Dissertação de Mestrado em

Nutrição, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Paulo Barros. Disponível: <http://www.gestaltsp.com.br/colaboradores/paulo.html>. Acesso em 4 fev. 2008.

Penna, A. G. (1991). *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago.

Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo*. São Paulo: Summus.

Perls, F. S. (2002). *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus Editorial.

Perls, F. S., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

Perls, L. (1994). *Vivendo en los límites*. Valencia: Palomino.

Petrelli, R. (2001). *Fenomenologia teoria, método e prática*. Goiânia: Ed. da UCG.

Pinto, E. B. (2006). *Alguns aspectos da história e da fundamentação da Gestalt-terapia*. Disponível: <http://www.gestaltsp.com.br/textos/alguns%20aspectos.htm>. Acesso em: 12 mar. 2007.

Prestrelo, E.T. (2001). A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou caras-pálidas”?, In Ana Maria Jacó-Vilela; Antonio Carlos Cerezzo & Heliana de Barros Conde Rodrigues (orgs.), *Clio-psyché hoje. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Rehfeld, A. (2007). Paulo Eliezer Ferri de Barros (1946-2006). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13 (1), 165-166, jan.-jun.

Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia. Refazendo um caminho*, São Paulo: Summus.

Ribeiro, J. P. (1991). *Psicoterapia grupo-analítica. Enfoque foulkiano*. São Paulo: Summus Editorial.

- Ribeiro, J. P. (1995). *Gestalt-terapia. O processo grupal*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1997). *O Ciclo do Contato*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1999). *Psicoterapia de curta duração*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2005). *Do self e da ipseidade. Uma proposta conceitual em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mecum de Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, W. F. R. (1987). *Alcances e limites da Gestalt-terapia*. Encontro Nacional de Gestalt Terapia, 1, Rio de Janeiro, RJ. [manuscrito]
- Ribeiro, W. F. R. (1991). O Gestalt terapeuta e o chacareiro. *Revista de Gestalt*, 2, 34-43.
- Ribeiro, W. F. R. (1993). *Recontando a nossa história*. Encontro Nacional de Gestalt-terapia, 4. Recife, Pernambuco. [manuscrito]
- Scarparo, H. (2000a) (org.). *Psicologia e pesquisa. Perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Scarparo, H. (2000b). Pesquisa histórica em psicologia. In H. Scarparo (org.), *Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas* (pp. 107-120). Porto Alegre: Sulina
- Silveira, T. M. (2006). O gestalt-terapeuta na instituição hospitalar. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 12 (1), 97-105, jan-jun.
- Stevens, J. (1988). *Tornar-se presente. Experimentos de crescimento em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Stoehr, T. (1999). *Aquí, ahora y lo que viene: Paul Goodman y la Psicoterapia Gestalt em tiempos de crisis mundial*. Santiago: Editorial Cuatro Vientos.

- Tellegen, T. A. (1972). Elementos de psicoterapia gestáltica. *Boletim de Psicologia*, 24 (64), 27-42, jul.-dez.
- Tellegen, T. A. (1976). Prefácio da edição brasileira, *In* Frederick S. Perls, *Gestalt-terapia explicada*.(9 -10) São Paulo: Summus.
- Tellegen, T. A. (1982a). *Reflexões sobre trabalho com grupos na abordagem gestáltica em psicoterapia e educação*, Dissertação de Mestrado em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Tellegen, T. A. (1982b). Atualidades em Gestalt-terapia. *In* I. Porchat (org.). *As psicoterapias hoje. Algumas abordagens*. São Paulo: Summus.
- Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos*. São Paulo: Summus.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicada nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Wulf, R. (1996). The historical roots of Gestalt therapy theory. *Gestalt dialogue: newsletter fo the integrative Gestalt centre*. Disponível: <http://www.gestalt.org/wulf.htm>. Acesso em 13 jul. 2007.
- Wysong, J. & Rosenfeld, E. (1988). *An oral history of Gestalt therapy*, Highland, New York: The Gestalt Journal.